

entrevistados eles os expressam de uma maneira muito branda. A entrevistada Ema conta um pouco da experiência com os índios nos garimpos:

“Eles (os garimpeiros) gostam muito de ajudar também os índios, como eles nos chama os brancos... Quando trabalhava nos garimpos nós gostava de ajudar os índios. Porque nos barrcos os índios ia lá com nós e aí eles ficavam com a gente. Lá dava roupa pros índios, dava comida. Eu mesma quando cheguei lá no barraco... ele chamava assim... mulher comer, eu falava assim “vou dar comida, mas vocês vão tomar banho primeiro vão tomar banho que depois que tomar banho, a mulher eu vou dar comida”. Aí eles iam tomar banho, aí quando tomava(m) eles “já mulher comer”, eu colocava comida, eles comiam, com pouca tão rindo¹¹⁰, conversava comigo, depois pegavam as flechas deles iam embora, eles iam lá pra como é que chama? cabana, choupana, é maloca né... Iam pra maloca deles... tinha, as mulheres deles, as mulheres dos Tuxauas. Tinha as mulher do Tuxauas, tinha as filhas deles também, tinha as moças que eles chamam lá são as moças. Tem o curumim... tinha um índio que trabalhava junto com nós porque ele morava no barraco junto com nós. Mas ele era bem civilizado porque já trabalhava junto com nós. Aí o dono do maquinário trazia ele, dava as coisas pra ele, comprava as coisas pra ele e levava de volta pro garimpo de novo de volta.”¹¹¹

Apesar de a entrevistada abrandar as relações entre índios e garimpeiros, o conflito está colocado nas diferenças. Somente o fato de a entrevistada ter relatado que era necessário que eles tomassem banho para receberem o alimento já estão colocadas as diferenças nas relações. Pois o que parece é que os índios entendem que pelo fato de os garimpeiros estarem nas terras indígenas retirando os minerais, estes veem como uma troca natural a obtenção de alimentos e objetos os mais diversos, até mesmo arma. E qualquer interferência ou interrupção dessa relação de suposta troca, entre índios e garimpeiros, tem-se o início do acirramento dos conflitos.

Nesse sentido, esse tipo de relação, em si, é conflituosa, pois carrega em seu cerne a imagem da “boa convivência” ou “convivência pacífica”, o que na realidade gera uma interdependência de obrigações que o outro tem de cumprir e como toda relação conflituosa ela tem um estopim. Porém, a imagem do garimpeiro que convive pacificamente com os índios é fomentada nas diversas fontes e se refere à intervenção da Igreja Católica, que é quando a “convivência pacífica” é totalmente esfacelada com a sua chegada. De um lado temos a imagem do garimpeiro que ajuda solidário e respeita os índios, do outro lado temos a imagem da Igreja Católica que incita os índios ao conflito direto com os garimpeiros e fazendeiros da região.

Outro entrevistado também fala um pouco dessa relação com os índios diz que

¹¹⁰ Os índios riem muito. Eles se comunicam com os brancos considerados amigos sorrindo, algo comum a algumas etnias.

¹¹¹ A referência da entrevista está página 71.

“vão na barraca, pede comida, pede açúcar, eles pede muito é açúcar... farinha a gente dá, sempre o índio gosta da gente... eles pedem a gente dá logo e depois daí eles vão embora... O índio é uma pessoa muito tranquila... só são conflito quando a gente, a pessoa não agrada ele, mas se agradar você pode ficar todo tempo ali tranquilo. Tem vez que o índio avisa até quando vem chegar polícia tem vez que eles avisa, vai na frente correndo, tiver polícia baixar numa pista muitos índio corre na frente e vai avisar o garimpeiro lá dentro do mato.”

Na fala dos entrevistados está bastante presente a imagem da boa relação que se constitui com os índios, mas também percebemos claramente que os laços de conflito e desconfiança estão feitos, já que é necessário entregar aos índios o que eles pedem do contrário está marcado o conflito como o próprio entrevistado coloca.

E é diante dos conflitos que se acentuaram durante o processo social, em que se entrelaça com a atividade econômica de exploração mineral, que a Igreja Católica também se consolida como uma instituição em disputa. Então, a Igreja Católica aparece nas imagens construídas socialmente pelos grupos que disputam as áreas e analisadas como uma interferência nas relações pacíficas nas áreas de disputa. A matéria do jornal *O Roraima*¹¹² traz o seguinte:

“Dom Aldo Mongiano e a antropóloga da FUNAI, Maria Guiomar de Melo, são acusados de incitarem os indígenas da Maloca do Araçá a destruírem as cercas da fazenda São Marcos. O Tuxaua acusa que o minério extraído pelos índios estão sendo entregues aos padres do Contigo”.

A imagem da Igreja Católica, junto com suas lideranças, aparece atrelada as ações de contravenção e incitação aos conflitos, ao mesmo tempo em que a imagem do garimpeiro e fazendeiro é construída como pacífica e solidária com os índios. Dessa forma, a Igreja Católica ao interferir nessas relações disseminou a discórdia e tornou-se um empecilho para os trabalhadores e para o desenvolvimento do Estado.

Essas imagens estão postas nas várias fontes em que pesquisamos. Vejamos como ela se expressa no Diário Oficial da Assembleia Legislativa nº 50, página 05, data 27/10/1992, onde encontramos a seguinte discussão levantada pelo Deputado Otoniel Ferreira de Souza:

“Nós reservamos única e exclusivamente para, mais uma vez, tecer comentários sobre um dos grandes problemas de nosso Estado que é a indefinição da demarcação das terras, Raposa e Serra do Sol, que constantemente vem causando sérios conflitos, inquietações, incertezas, dúvidas e acima de tudo o perigo eminente que poderá surgir com derramamento de sangue se não houver por parte do Governo e das autoridades do meu Estado uma urgência urgentíssima com relação a esta

¹¹² O RORAIMA. Polícia vai indicar acusados por invasão de terras. 20/02/1986.p.01.

problemática. Nós chegamos a esta terra exatamente a 20 de junho de 1967, naquela época conviviam manso e pacificamente garimpeiros, fazendeiros e índios e a Igreja. E lamentavelmente com a chegada de Dom Aldo Mongiano, começaram a surgir pequenas diferenças entre estes mesmos homens que sustentaram a economia deste Estado. Não havia até então qualquer tipo de problema entre estas camadas sociais... Muita Gente não conhece a região, eu aproveito para pedir aos senhores parlamentares que vão à região do Cotingo, Caturí, Puxa Faca, Água Fria e conheçam as belezas naturais, pois realmente são lindíssimas e há muito ouro aí. Eu acho que em decorrência desse amontoado de ouro é que a Igreja vem começando a participar ativamente desses conflitos incitando os caboclos a entupirem os poços de água, olhos d'água... vejam só estes conflitos começaram a surgir em 1971, com o Projeto RADAM, após o levantamento aéreo foto cromático em todo o Estado de Roraima, financiado pelo Governo do Canadá. O mapa caiu nas mãos dos grandes países da América, Europeus, e começaram as infiltrações de missionários, padres e, foram adentrando onde estão assentados as maiores jazidas minerais do meu Estado. Eu ouvi recentemente um parlamentar dizer ‘o povo de Roraima pisa em cima do ouro e morre de fome’. É uma realidade, é de se lamentar...”

Podemos destacar dessa citação diversos elementos como os conflitos e incertezas que surgem com a chegada da Igreja Católica e de Dom Aldo Mongiano. A Igreja Católica é colocada como responsável pelos caos e recai sobre ela a culpa pelo não desenvolvimento do Estado através da exploração mineral. Afinal, Roraima se configura em uma região de grandes riquezas minerais que não podem ser exploradas devido ao posicionamento de incitação ao conflito da Igreja Católica. Estão postos os elementos que queremos analisar mais a fundo que é a imagem do garimpeiro e fazendeiro que convivem pacificamente com os índios e a imagem da Igreja Católica contraventora da ordem que incita os índios aos conflitos.

O autor Amazonas Brasil traz como título de seu texto *Roraima, 40 anos de território: Bem que poderia ser melhor!* E descreve a viagem ao interior do Estado, ao norte, onde também estão concentradas as áreas de garimpagem e diz “Há! Se o espírito de servir, sem subserviência, mas com a independência do garimpeiro, vingasse em todos, bem que Roraima poderia ser melhor.”¹¹³ Fala da presteza com que as pessoas que moram nessa região, garimpeiros e fazendeiros, o tratam e as desavenças da Igreja Católica que chega a colocar como frase dita por um amigo “esses não são mensageiros de Deus, são agentes do diabo”. Aqui está uma imagem de oposição clara: o garimpeiro bondoso e os missionários como “agentes do diabo”.

Nesse sentido, vemos a imagem do garimpeiro se purificar diante do interesse de desqualificar a imagem da Igreja Católica na sua intervenção em defesa dos índios. Os

¹¹³ BRASIL, Amazonas. *Textos publicados na imprensa de Roraima*. Boa Vista: Grafisa Gráfica e Editora Ltda, 2010. p.96

missionários deixam de ter uma imagem de santos para uma imagem de verdadeiros demônios.

2.4 Os invasores

As fontes que analisamos aparecem diversas imagens sobre os invasores nas quais existem uma gama de sujeitos que são elencados como invasores segundo os interesses sobre as áreas de mineração defendidos por cada grupo. Alguns grupos e/ou sujeitos políticos discutem a liberação das áreas e muitas vezes se contrapõem às determinações dos governos que, muitas vezes, determinam o fechamento das áreas à mineração. Alguns dos aspectos a serem averiguados dentro da imagem do “direito de invadir” as reservas indígenas para a exploração mineral, adquirido pelos garimpeiros, precisamente vinculado à imagem do “direito de trabalhar” está colocado em algumas falas como de Amazonas Brasil, que observamos nesse recorte.

“Sábado irei à região do Alto Cotingo e depois ao Quinô... no Quinô, irei verificar se procede desagradável notícia de que estão impedindo garimpeiros de trabalhar naquela área. Consta, inclusive, que há uma patrulha da PM impedindo o trânsito na estrada de acesso àquela região, num abuso que contraria um DIREITO CONSTITUCIONAL, que é de IR e VIR.

Se forem verdades as informações, desde já, CONVOCO todos os garimpeiros para a luta que iremos iniciar. LIBERDADE DE TRABALHO EM TODOS OS GARIMPOS DE RORAIMA.”¹¹⁴ (grifos do autor)

Antes de analisarmos a citação é importante dizer que além de Amazonas Brasil fazer oposição sistemática ao governo por diferenças políticas partidárias, e se utilizar dessas desavenças também nas discussões sobre os garimpos, ele é filho de um dos primeiros empresários do garimpo e proprietário de grandes fazendas e terras alocadas em reservas indígenas.

Como observamos nessa citação as possibilidades de invasões de áreas proibidas de garimpagem pelo poder público estavam dadas e podiam iniciar confrontos pela manutenção ou início dos trabalhos nessas áreas de disputas a qualquer momento, ao longo do processo histórico em que se desenvolve a atividade e as discussões sobre a mineração em Roraima. Talvez o sentido de invasão que é dado pelo autor se difere um pouco dos métodos adotados nos últimos anos, pois não eram os trabalhadores que se organizavam para invadir e trabalhar em determinada área, e sim os proprietários que organizavam os trabalhadores a adentrarem

¹¹⁴Ibidem. p.90.

as áreas para a instalação de seu maquinário, pelo menos é que o observamos ocorrer nas articulações de invasões de áreas indígenas para a garimpagem a partir da segunda metade da década de 1970 até hoje.

Nesse sentido, temos a imagem do trabalhador honesto que invade as áreas para trabalhar, tirar seu sustento. Essa imagem do garimpeiro que tem necessidade de garimpar é justificada para pressionar a manutenção da mineração em áreas indígenas. É necessário tornar o garimpo uma necessidade do trabalhador, acima de qualquer coisa, até para ultrapassar as determinações do poder público. Pois, ao colocar a garimpagem como uma necessidade do trabalhador honesto em oposição aos desmandos do poder público com suas medidas arbitrárias, a desmoralização do próprio governo está colocada pelo autor. Podemos considerar a aparição da imagem desse garimpeiro que invade por necessidade de trabalhar em oposição a um governo incompreensível. E uma imagem recorrente nas fontes em que pesquisamos.

A entrevistada Ema também fala um pouco desse aspecto, da imagem desse trabalhador que tem a necessidade de trabalhar no garimpo, observamos

na cidade o trabalho é muito difícil e (o que tem) mais... é o pessoal que vem do nordeste. Então, como eles não têm estudo, não tem emprego... eles vão pro garimpo pra trabalhar. Porque as vezes eles arruma um emprego aqui dentro da cidade... trabalha e trabalha e é difícil pra receber. Trabalha e é uma luta pra receber, então eles vão pro garimpo.

Para a entrevista de Ema é a necessidade que conduz o trabalhador aos garimpos, ou seja, aquele trabalhador que sente as dificuldades da cidade, agregados ainda aos valores por ser nordestino pobre e “sem estudo”, tem como uma possibilidade de melhora ao trabalharem nas atividades de garimpagem. Essa é uma das imagens mais recorrentes em nossa pesquisa, do trabalhador que precisa garimpar, e que justifica a invasão e a permanência da garimpagem em terras indígenas. Observamos que esse argumento se torna mais forte no período em que há maior repressão e ações de retirada dos garimpos, quando há necessidade de trazer a imagem do garimpeiro que precisa trabalhar.

No constructo das imagens sobre os trabalhadores dos garimpos e as discussões entre os sobre a mineração, que também perpassam os jornais sobre os garimpos, temos o seguinte título do Jornal *Tribuna de Mucajai*¹¹⁵: *Abertura de garimpos provoca mais vendas e falta de vagas*. A matéria relata que com a abertura dos garimpos aumentou o número de táxis aéreos, as hospedagens e as vendas no comércio local. Esse argumento é defendido pelo presidente da

¹¹⁵ TRIBUNA DE MUCAJAI. Abertura de garimpos provoca mais vendas e falta de vagas. 31/01/1988. p. 7.

Associação Comercial, Ubirajara Riz, quando expressa na reportagem que, com os garimpos abertos, ocorre o dinamismo do comércio local: as lojas, empresas aéreas e hotéis “Brasa, Roraima e Paraíso, os preferidos dos garimpeiros”, instalados no centro da cidade de Boa Vista. Já os que chegam para se aventurar nos garimpos, ou os que dele retornam sem ouro, dormem nas ruas, por não haver vagas em hotéis baratos. Os que chegam com ouro se hospedam nos melhores hotéis como “Praia Palace, Tropical e Euzébios”.

De acordo com a perspectiva defendida nesta matéria, com o aval do presidente da Associação Comercial, a abertura dos garimpos fornece o dinamismo e o “desenvolvimento” da região, e os benefícios desse desenvolvimento são sentidos pelos comerciantes. Porém, o trabalhador, aquele que sem condições para pagar a estadia em um hotel pernoita nas ruas do centro da cidade, está longe de sentir o tão defendido “desenvolvimento”. Dessa forma, ao defender a abertura do garimpo para o desenvolvimento do Estado temos a clareza de que os maiores beneficiados desse desenvolvimento não são os trabalhadores, ou seja, aquele que muitas vezes é trazido à tona como a própria imagem do desenvolvimento, o garimpeiro trabalhador, é o que menos se beneficia desse desenvolvimento.

No jornal *Boa Vista*¹¹⁶, de propriedade do governo de Roraima, temos um de seus títulos que trata da possibilidade de investimentos na mineração, na matéria “Governador lança Vol.8 do Projeto RADAM BRASIL”:

“Lançamento em Belém, com a presença do ministro das Minas Shigeaki Ueki, do Vol. 8 do projeto RADAM- Brasil pelo governador Ramos Pereira na X Conferência Geológica Interguianas com representantes da Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa realizada no auditório da SUDAM, a abertura foi feita pelo secretário geral do DNPM, Acyr Ávila da Luz.

Como se estivesse transcrito o discurso de Fernando Ramos Pereira, que agradece o empenho do ministro no Programa de Integração Nacional, e objetivado pelo RADAM que identifica as potencialidades da região amazônica, Roraima é a contemplada com o volume oitavo dos trabalhos de levantamento dos recursos naturais executado pelo projeto RADAM - Brasil.”

Observamos que nesta edição do Jornal *Boa Vista*, que trata do lançamento do RADAM – Brasil, que mapeia as áreas em que estão os minerais em Roraima, estes já causavam grandes perspectivas para o desenvolvimento da região. E a partir deste momento as justificativas para a abertura à exploração mineral são lançadas através da imagem de um Estado rico, em que a mineração está colocada como a atividade que irá desenvolvê-lo economicamente.

¹¹⁶ JORNAL BOA VISTA. Governador lança Vol. 8 do Projeto RADAM BRASIL. 15/11/1975. p.06.

Diante da dada possibilidade de exploração mineral, através da construção da imagem de Estado cheio de riquezas minerais para serem exploradas, muitos são os posicionamentos sobre as áreas em disputa. Assim, como muitas justificativas foram criadas para a invasão e continuidade dos trabalhos de extração mineral nessas áreas em disputas. Vejamos a imagem em que se justifica a posição de José Altino Machado dentro das discussões, em entrevista ao programa de TV *Roda Viva*, sobre essas áreas.

“porque eu, até hoje, não aceito território Yanomami. Ninguém invadiu o território Yanomami. Jamais aconteceu isso. Aquilo é um terreno da União, com indefinição propositada por parte do governo. E eu vou lembrar a você próprio, que acompanhou a questão, que quem invadiu as reservas garimpeiras foi o Decreto da Reserva Yanomami [decreto de demarcação do território Yanomami, assinado pelo presidente Fernando Collor em 1992], coisa que é muito diferente. Então, a postura que aqui, muitas vezes... e o olhar que o próprio jornalista põe lá [no jornal] para que o leigo leia seja uma coisa, e o que nós temos lá em cima é outra muito diferente.”

Na perspectiva tomada por José Altino não existiu invasão de reservas indígenas e sim a utilização das terras que é de todos, da União, e por isso podem ser utilizadas para a exploração mineral. Nesse sentido, o inverso ocorre “quem invadiu as reservas garimpeiras foi o Decreto da Reserva Yanomami”, como se houvesse uma conspiração contra a exploração mineral. Diante disso, temos a imagem do garimpeiro encoberto dos seus direitos e livre da imagem de invasor. De acordo com José Altino, é o garimpeiro que está injustamente sendo cerceado de exercer as atividades nas áreas de garimpagem. Dessa forma, a imagem de vitimizado através da homologação das áreas indígenas recai sobre os garimpeiros e não sobre os índios.

Corroborando com as muitas imagens construídas pelos diversos grupos a fim de justificar a permanência da garimpagem observamos que no Diário Oficial da Assembléia Legislativo nº 16, página 02, tem a seguinte discussão:

“Édio Lopes Vieira: falou sobre um novo circo que está sendo armado sobre Boa Vista, envolvendo FUNAI. Policiais federais, Diocese e omissão do senhor governador do estado, este circo estaria sendo armado para expulsar garimpeiros, pessoas que vivem na região do Maturuca há muitos anos. Por causa da denúncia quanto à exploração de prostíbulos e bebidas alcoólicas. Disse ainda que estará encaminhando, juntamente com a Deputada Vera Regina Guedes da Silveira, ao delegado Raimundo Cotrim, perguntas quanto a essa expulsão e o pedido de uma averiguação mais profunda.”

As justificativas para a não expulsão dos garimpeiros se acentuavam na desconfiança de medidas ilegais que deveriam ser seriamente averiguadas pelos parlamentares e, por isso, a formação de comissões para acompanhar, como vemos no recorte acima. Como também

porque as consequências para as operações de expulsão trariam danos imensos à cidade, já que esses trabalhadores se somariam à marginalidade da periferia aumentando os índices de violência. Assim observamos nesse outro recorte da Ata da Assembleia de nº 150, na página 06, do dia 25 de fevereiro de 1993 em que o deputado Francisco de Sales Guerra Neto diz:

“gostaria de usar deste expediente para apresentar aqui o meu repúdio contra mais uma vez a operação Selva Livre... agora vem o ministro da justiça para dar o ponta pé inicial na operação Selva livre, e aí deixa o governo do estado, com problema social, e de ordem imprevisível, uma vez que esses homens vão ser todos jogados na periferia da nossa cidade, e aí a imprensa nacional, aproveita para mostrar que nosso Estado é um Estado violento, mas é um Estado violento, por causa dessas violências feitas pelo Governo federal, contra o nosso Governo.”

Para Guerra Neto, a retirada dos garimpeiros das áreas de mineração devido ao fechamento dos garimpos traz a consequente violência que cresce na cidade. O Deputado afirma que o Governo Federal ataca o Governo estadual com essa medida. Ou seja, a construção da imagem de um Estado falido e violento se dá pelo encerramento das atividades de mineração. Assim temos a imagem do garimpeiro vítima dos ataques do Governo Federal e, por isso, é necessário trazer a desconfiança das medidas tomadas de expulsão dos garimpeiros. A imagem do garimpeiro é o de vítima de medidas grosseiras do Governo Federal contra o Governo Estadual, pois o ataque ao governo do Estado se dá pela ação contra os garimpos.

Nos jornais em que pesquisamos a imagem da constante e conflituosa “invasão”, e seus invasores, das áreas indígenas e “fechamento dos garimpos” as imagens sobre a retirada de garimpeiros das áreas de conflito aparecem de diversas formas e mudam de acordo com os interesses e pressões sociais. Observamos uma dessas imagens no jornal *Folha de Boa Vista*¹¹⁷.

Imagen: FUNAI não tem estrutura para retirar garimpeiros.

¹¹⁷ FOLHA DE BOA VISTA. FUNAI não tem estrutura para retirar garimpeiros. Março/1987.p.01e 03



Na imagem temos um policial ao centro tentando separar a briga entre índios e garimpeiros, três de cada lado, demonstrando uma incapacidade para segurar ambos os grupos. . Ao fundo, dois agentes: um da FEDERAL e outro da FUNAI, que bebem e dialogam. O primeiro fala “tá quente!”, o segundo responde “o conflito entre garimpeiros e índios ?”, novamente o primeiro “não a cerveja”. Ao lado dos dois agentes um avião. Observamos que ao longo das discussões sobre a abertura e fechamento dos garimpos era necessário desqualificar não só a intervenção da Igreja Católica, mas também a FUNAI que era o órgão que deveria intervir na defesa dos povos indígenas. Por isso, a necessidade de colocar a imagem da FEDERAL e FUNAI como incapacitada para resolver os conflitos entre índios e garimpeiros. Já que tanto os índios como os garimpeiros querem o confrontamento e estão prontos para a batalha como está colocado na charge.

O jornal *Tribuna de Mucajáí* traz a matéria “Abertura de pista de pouso no ‘Novo Cruzado’ motiva polêmica entre garimpeiros”¹¹⁸ que coloca uma série de dificuldades nesta atividade, e cita o garimpeiro José Carlos Fernandes que está nos garimpos há oito anos e que contraiu mais de vinte malárias. Todo mundo ganha com o garimpeiro, desde o hotel ao proprietário de avião, assim como comerciantes é a tese defendida pela publicação O texto aponta para as melhorias para os garimpeiros com a pista do Novo Cruzado, pois não terão que andar na mata do Cambalachó para este garimpo. Existem também as dificuldades com os elevados preços no garimpo.

¹¹⁸ TRIBUNA DE MUCAJÁÍ. Abertura de pista de pouso no “Novo Cruzado” motiva polêmica entre garimpeiros. 20/12/1987.p.03.

No texto jornalístico é possível destacar diversos elementos. O primeiro é a imagem dos problemas que os garimpeiros enfrentam ao trabalhar no garimpo, como as doenças, os elevados preços e as distâncias percorridas para chegarem ao local de extração mineral. O outro elemento se refere às possibilidades de ganhos nas atividades de garimpagem que com estruturação diminuem alguns problemas. Essa polêmica entre garimpeiros sobre a abertura na pista se refere ao conflito com os índios que estão contra a abertura de mais pistas e exigem o encerramento dos trabalhos nos garimpos. Esse aspecto coloca em questionamento os métodos de exploração mineral, já que os pequenos empreendimentos ocasionam conflitos dos garimpeiros com os índios, enquanto que a grande mineração, supostamente mais organizada, não ocorreria esse conflito.

Dessa forma, o conflito se dá entre índios e garimpeiros. Por sua vez, os órgãos policiais e a FUNAI não têm competência para acabar com o conflito. Ou seja, na imagem construída pelo jornal, os índios e os garimpeiros não se entendem, e os órgãos responsáveis não conseguem resolver o problema e, por isso, é necessária outra alternativa, assim está colocada a abertura de um caminho seguro que é a disciplinarização da mineração. Então, a imagem dos conflitos construída pelo jornal serve a uma determinada finalidade e interesse de um grupo que defende outro projeto para a exploração mineral em reservas indígenas.

2.5 A “Rainha do garimpo”

Existe uma complexidade que rodeia a imagem dos trabalhadores dos garimpos e, quando nos referimos às mulheres, ela é ainda maior. Pois ao mesmo tempo em que Ema diz¹¹⁹ que as pessoas, e ela própria, se veem corajosas ao irem para as áreas de mineração, há também um estigma social sobre essas mulheres que trabalham nos garimpos. Durante a pesquisa nos jornais e até mesmo em outros documentos nos depara com a ausência das mulheres, elas são invisibilizadas, isso porque essas fontes em sua grande maioria defendem a produção mineral e assim não seria necessário falar nas mulheres, pois isso traria o tema da prostituição para o debate. Ou seja, as mulheres poderiam macular a imagem dos locais de exploração mineral, onde se defendia o trabalho e o desenvolvimento, e não o seu inverso, bebidas, drogas, violência e prostituição.

Por isso, buscamos uma fonte que nos proporcionasse compreender essa dimensão da construção da imagem das mulheres nos garimpos, para além da invisibilidade. Para tal

¹¹⁹A referência da entrevista está na página 71.

finalidade foi imprescindível a busca de fontes e as entrevistas. Para uma das entrevistadas, é necessário estabelecer relações mais profundas. O local de trabalho nas áreas de garimpagem não é apenas o local de trabalho, mas tem a imagem de família. Rosa¹²⁰

"bem, quando nós estamos dentro do barraco assim se tiver dez mulher com os pião, oito pião, pião com a cozinheira é uma família ali. Entendeu você vai passar cinco meses, sei meses, três meses depende de você querer porque lá não é obrigado a ficar todo tempo lá. Você fica até o dia que você acha que dá pra ficar, entendeu. Nós somos livres, nós não temos pressão não pelo dono de maquinário não. Chega lá é outra família que você vai ter conviver como amigo você ta aqui são várias pessoas que já vai se tornar outra família pra você. Aí nós temos que aprender a conviver com pessoas diferentes. Num barraco são dez, doze homens em cada barraco e só uma cozinheira em cada barraco, então, ali é uma família e nos temos que aprender a conviver com aqueles homens... só que eles não mexe com a gente não. Não tem esse negócio de pressão que a gente é obrigada a ficar com aquele cidadão, nada não, isso não existe não. A não ser que eu queira um homem que me agrade lá no baixão que aí é diferente... Acontece né, isso é normal, isso é riléia no garimpo. A cozinheira sempre quando ela chega lá pode ser nova, pode ser velha que no garimpo a mulher ela é rainha (risos)... Nós somos tratadas talvez até melhor do que quando nós estamos aqui na rua nós mulheres, num sabe... Na minha época quando a gente entrava para trabalhar pra dentro do garimpo, entra pra trabalhar mesmo ganhar nosso dinheiro e sempre apareceu aquele homem que se agradava da gente é xodó, né, ficava aquele xodó, a gente chamava lá que a mulher tava amigada com aquele pião, na verdade não é aquela amigação era só enquanto ele tava ali porque a mulher, ele fica ajudando, sabe, compra roupa, compra remédio, sabe, da dinheiro pra gente, se ele fica com a gente ele dá o dinheiro pra gente em ouro que é tudo pago em ouro, não é em dinheiro. Aí ele dá aquela quantidade de ouro que ele vê que a mulher merece né. Aí a gente manda pros filhos da gente e aquele que a gente ganha a gente guarda quando a gente vem pra cá pra fora a gente ter com que bancar nossa família.... umas fazem, agora têm outras principalmente de uns tempos pra cá que os garimpos ficaram mais escassos muitas vão se prostituir, né. Elas vão direto para as boates. Mas acontece agora dessa geração pra cá. Mulheres que não conhece o que é garimpo na verdade, entendeu. Muitas vão se prostituir, mas não vai no baixão fica na curutela onde tem as boates, os bar, restaurantes, entendeu."

Nessa longa fala de Rosa são colocados diversos elementos que são importantes para compreendermos a imagem das mulheres que trabalham nos garimpos, a partir da fala dos trabalhadores. Para ela, a trabalhadora do garimpo estabelece uma relação com os outros trabalhadores, os homens, de amizade. Muitas vezes, por conta desse vínculo, ela diz ser uma família. Percebemos na fala de todos os entrevistados a construção dessa imagem da mulher que trabalha no garimpo como respeitada. E Parece que quando a entrevistada fala de família consegue estabelecer uma imagem de relação de respeito com os companheiros de trabalho.

¹²⁰ Essa entrevista foi realizada no dia 26 de agosto de 2008. Nesse período a entrevistada encontrava-se cumprindo pena por tráfico de drogas. Rosa trabalhou em vários garimpos na Amazônia, tanto a brasileira quanto a estrangeira, nasceu no Pará e migrou para trabalhar nos garimpos em Roraima na década de 1980. Após uma análise criteriosa das entrevistas das mulheres encarceradas optamos por não revelar informações como nome, idade e outras informações para que não ocorra uma identificação dos entrevistados abrindo a possibilidade de reforçar a discriminação ou, ainda, a criminalização dos mesmos por se encontrarem em situação vulnerável. Por isso, substituímos o nome da entrevistada.

Além disso, dentro da condição de amizade construída dentro das relações de trabalho e vida nos garimpos, a mulher tem a total liberdade de se impor e escolher com quem quer ficar, inclusive para assim tirar proveito de ganhos de relação, como a entrevistada coloca. Uma das imagens que também aparece na fala dos entrevistados é a mulher como objeto de disputa dos homens em que a própria Rosa coloca a mulher como “Rainha” por ter a atenção de todos os homens. O que perpassa a fala de todos os entrevistados é essa imagem da mulher livre e venerada pelos homens no garimpo, mulher que tem o direito de escolher com quem quer ficar, mas o que parece é que há a necessidade de escolha de um companheiro, não só pela possibilidade de ganho, mas de proteção.

Um dos entrevistados fala que além dos trabalhos na Currutela e no baixão algumas mulheres se arriscam nas atividades de vendas, quando há muitos garimpos próximos, e declara os perigos dessa atividade.

“tem mulher que faz (trabalha com vendas ambulantes), mas é junto com o marido, não faz sozinha, sozinha não, o que mulher faz sozinha é vender roupa, sempre elas faz de duas mulher vendendo roupa... mas uma sozinha é muito difícil, porque é dentro da mata pra fazer uma sozinha anda é muito perigoso, perigoso por causa de muitos homem dentro daquela mata, tem vez que encontra uma mulher sozinha a opinião de um não é de todos”¹²¹

De acordo com o entrevistado Arnaldo, é necessário que a mulher não ande sozinha por causa da mata e da quantidade de homens naqueles locais. O que parece é que quando a mulher trabalha em um ambiente é necessário fortalecer os vínculos com os próprios colegas de trabalho porque esses vão protegê-las de possíveis ataques de outros homens que trabalham na região.

Para José Altino, em seu livro, ao falar de um ocorrido no garimpo, quando um índio matou uma índia ele diz: “na Amazônia não se admitir dar um tapa na cara da mulher. Ela existe para servir ao homem com igualdade e respeito, e isso não quer dizer que possa ser chamada de puta, ser maltratada, e muito menos matá-la.”¹²² Nessa citação temos que relevar a sua intenção de disputa com os índios já que esses maltratam as mulheres e os garimpeiros, não. Para Altino essa mulher que trabalha no garimpo e que não é maltratada deve “servir ao homem”, quando colocada essa expressão se entende que a mulher presta uma relação de subserviência e, assim, não pode ser uma relação de “igualdade e respeito”. A mulher na fala de José Altino não passa de um mero objeto a ser utilizado pelos homens.

¹²¹ A referência da entrevista está na página 34.

¹²² MACHADO, José Altino. *Campanha Doce, Pimenta Brava*. Minas Gerais: Iacocca, 2005.P.136.

2.6 Vida fácil

Durante a pesquisa aparece a imagem do garimpeiro de vida fácil para as comunidades. Percebemos que essa imagem de vida de garimpeiro fácil, do fanfarrão, aquele que ganha dinheiro fácil gasta tudo com diversão, bebidas e mulheres, depois volta ao garimpo para buscar mais dinheiro e assim sua vida se dá na prática recorrente dentro de um ciclo. Na realidade a construção da imagem do garimpeiro, as mais variadas possíveis, se dão sob um complexo processo de disputa e pressão entre os grupos de interesse nas áreas de mineração.

Na fala da entrevistada há um recorte que trazemos à discussão da vida no garimpo que é importante para entendermos essa imagem do garimpeiro fanfarrão. Simone diz

Porque (no garimpo) não tem nada é um lugar que não tem nada é aqui uma quadra, mais ou menos desse tamanho... não tem nada de noite todo mundo vai pras boates atrás de diversão também lá par quem gosta né, pra coisa (drogas) assim maconha não é proibido (a pessoa) se adapta ao modo que eles vivem muitos brasileiros se acostuma(m) a viver daquele jeito.¹²³

A entrevistada fala da sua impressão e da sua experiência no período em que trabalhou nos garimpos. Ela diz que “é um lugar que não tem nada” e tem como local para lazer e diversão apenas as boates, onde estão disponíveis as drogas e a prostituição. Por isso, acreditamos ser importante discutirmos as relações sociais que são constituídas nos garimpos para compreendermos as condições adversas de vida dos trabalhadores, pois para Simone muitos se adaptam, se acostumam aquela vida. Porém, acreditamos que não é só isso, mas uma série de elementos que coadunam na experiência de vida desses trabalhadores, inclusive para a construção das imagens desses trabalhadores.

As imagens são construídas a partir de interesses que se articulam e capturam um fragmento apenas da realidade, e têm a intenção de totalização e globalização daquela parte. Por isso, tivemos que desnudar a singularidade da vida dos garimpeiros de imagens construídas, como a de “fanfarreiro” e gastador, compreendendo que imagens são construídas socialmente e atendem a interesses de grupos.

¹²³ Entrevista realizada no dia 16 de janeiro de 2012 com intervalo e continuação no dia 23 de janeiro de 2012. A entrevistada Simone trabalhou como autônoma na *Currutela* prestando serviços em salão de beleza e atendia homens e mulheres que trabalhavam nas várias atividades vinculadas à garimpagem, atualmente desenvolve essa mesma atividade na cidade de Boa Vista em um bairro periférico. Assim como as outras entrevistadas o seu nome foi substituído.

CAPÍTULO III

CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DOS TRABALHADORES NOS GARIMPOS EM RORAIMA

A partir da segunda metade da década de 1970 começaram a se acentuar mudanças na produção mineral em Roraima, antes realizada quase totalmente de forma manual, com auxílio de bateias, e com utilização da mão de obra local, composta em sua maioria por índios. Essas mudanças dar-se-ão porque nos anos 80 ocorre uma concentração de trabalhadores advindos de outras regiões, especialmente do nordeste e, atrelado a isso, há também a introdução de maquinários nas áreas de extração de minério, o que garantiu o aumento significativo da produção mineral.

A intensificação da produção mineral na Amazônia, e em Roraima, representou não somente mudanças nas áreas de extração mineral, mas também na sociedade roraimense por envolver diversos segmentos e grupos com interesse na produção mineral e nas áreas onde se localiza o minério. Dessa forma, entendemos que a mineração não é constituída apenas de extração de minério, também envolve diversas outras partes, funções e atividades como afirma José Armindo Pinto¹²⁴:

A mineração engloba a prospecção, a pesquisa, o desenvolvimento, a lavra, além do transporte, manuseio, beneficiamento e toda infraestrutura necessária a esta operação, excluindo a metalurgia e a transformação. A face simplória da atividade mineral é chamada de garimpagem que, embora reconhecida também como atividade econômica pela constituição brasileira, no Brasil tem sofrido combate, mas tem sido responsável por grande parte da produção de ouro aluvial, cassiterita, pedras preciosas, etc., além de ter servido aos objetivos geopolíticos do Estado Nacional, como fator de ocupação da Amazônia e alívio de possíveis tensões sociais.

A mineração, portanto, contempla todas essas fases na qual o autor se refere, como prospecção, pesquisa, lavra, transporte, beneficiamento e toda a infraestrutura necessária à produção. Além destes, na mineração existem diferenciações gradativas na produção que podem ser divididas em mineração de grande porte, média e pequena mineração. No caso do Brasil caracterizamos a pequena mineração, ou mineração artesanal, como *garimpagem*.

O termo *garimpagem* tem relação direta com a atividade desenvolvida pelos trabalhadores na extração mineral. Esse termo surgiu no período colonial e está relacionado

¹²⁴PINTO, José Armindo. Garimpagem: contribuição ao desbravamento e ocupação da Amazônia. In: MATHIS, A. e REHAAG, R. (Eds.) *Consequências da Garimpagem no Âmbito Social e Ambiental da Amazônia*. Belém, Brasil: FASE, F. BUNSTITIFF e KATALYSE, 1993.p.27.

ao *garimpeiro* que foi, e ainda é, muito utilizado na literatura e, historicamente, surge caracterizado pela sua condição social.

A autora Souza ao pesquisar a mineração no período colonial encontra na “Memória” de Vieira Couto a definição do garimpeiro como “nome com que se apelida neste país aos que furtivamente... as terras diamantinas, e que assim são chamados por viverem e andarem escondidos pelas garimpas das serras”¹²⁵.

Dessa forma, no período colonial já existia o *garimpeiro*, um faiscador, que, muitas vezes andava em grupos, trabalhava em terras proibidas ao exercício da mineração pela Coroa. Cometendo este crime esses homens refugiavam-se nas garimpas, por isso o designo *garimpeiro*. Ainda, na referida análise de Souza, o garimpeiro aparece atrelado à *desclassificação social*. A autora explica o conceito utilizado dizendo que a *desclassificação social*

é uma expressão bastante definida. Remete, obrigatoriamente, ao conceito de *classificação*, deixando claro que, se existe uma ordem classificadora, o seu reverso é a *desclassificação*. Em outras palavras: uns são bem classificados porque outros não o são, e o *desclassificado* só existe enquanto existe o classificado social, partes antagônicas e complementares do mesmo todo¹²⁶.

Entendemos que a autora estabelece uma relação dicotômica e antagônica entre *classificados* e *desclassificados* na sociedade colonial. E, ainda, sobre este aspecto explana sobre o indivíduo *desclassificado social* que “é livre e pobre – frequentemente miserável -, o que, numa sociedade escravista, não chega a apresentar grandes vantagens com relação ao escravo”¹²⁷. Então, diante desse recorte, Melo e Souza nos apresenta a composição social intrínseca ao conceito e a sua perspectiva ao analisá-lo no período colonial.

Dessa forma, ao materializarmos as discussões desse conceito percebemos que no cerne dessa discussão existem contradições, pois dentro do processo de produção mineral há interesses, muitas vezes divergentes, engendrados por grupos e classes sociais distintas. E colocar os sujeitos sociais, os garimpeiros, que trabalham nas várias funções dentro do processo produtivo como *desclassificados* em oposição aos *classificados* não é suficiente para

¹²⁵ Vieira Couto, “Memória sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais. Suas descrições, ensaios e domicílios próprios. À maneira itinerário.” (1801), Apud: RAPM, X, 1905, p.64, nota 4. Apud: SOUZA, Laura de Melo e Souza. *Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.p.281.

¹²⁶ SOUZA, Laura de Melo e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira do século XVIII*. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.p.25.

¹²⁷ Ibidem. p. 27.

estabelecer as inter-relações na estrutura do sistema capitalista na qual a autora se propõe que é “atravessar um processo de constituição e classe”¹²⁸.

Compreendemos, que quando nos remetemos ao termo *desclassificado social*, utilizado pela autora, temos que analisar o processo de constituição histórica e social do conceito para, então, garantirmos a transparência na análise de uma determinada sociedade. Uma das nossas preocupações é o caráter classista do termo que é diluído dentre os diversos grupos, setores e classes com essa perspectiva.

Raymond Williams, em sua obra *Marxismo e Literatura*, faz uma discussão bastante interessante e complexa com relação aos conceitos e acreditamos ser importante trazermos o seu posicionamento:

Quando percebemos de súbito que os conceitos mais básicos – os conceitos, como se diz, dos quais partimos – não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos, não há sentido em dar ouvidos aos seus apelos ou seus entrechoques ressonantes. Resta-nos apenas, se o pudermos, recuperar a substância de que suas formas foram separadas¹²⁹.

Dessa forma, entendemos que os conceitos carregam uma complexidade histórica e não podem ser apenas transportados e utilizados sem a análise profunda do seu processo de construção social.

Em Roraima a designa *garimpeiro* é utilizada não só pelos trabalhadores na extração mineral como também pelos gerentes e donos de maquinários, pilotos e donos de aviões, proprietários de cantinas, proprietários de comércio, cozinheiras, vendedores e prestadores de serviços nas regiões de mineração. Ou seja, o termo garimpeiro congrega diversos segmentos, grupos e classes sociais.¹³⁰

Inclusive, a nosso ver, existe um complicador na diluição do caráter classista que congrega patrões e trabalhadores por estarem não somente sob o mesmo designo, *garimpeiro*, mas porque no processo de organização dos trabalhadores os sindicatos e associações congregam classes e grupos distintos e, por sua vez, interesses divergentes.

Marx, no Manifesto Comunista, já definia no século XIX que

Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores de trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos

¹²⁸ Ibidem.p.25.

¹²⁹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores S.A., 1979.p18.

¹³⁰ A nossa concepção de classe está fundamentada no viés marxista e as organizações dos trabalhadores, mesmo que diretamente vinculadas à concepção de classe, não delimitam a nossa visão de classe que existe independente de suas organizações.

trabalhadores assalariados modernos, os quais, não tendo meios próprios de produção, estão reduzidos a vender a sua força de trabalho (labour-power) para poderem viver. (Nota de Engels à edição de 1888.)¹³¹

Diante dessa perspectiva de análise compreendemos que dentro do processo de constituição de classes existem posições e interesses antagônicos entre o trabalhador e o patrão. Porém, não acreditamos na simples homogeneidade entre as classes e das classes que, por vezes, podem congregar interesses diversos, como dito anteriormente. No tema desta pesquisa, as classes devem ser analisadas na perspectiva das relações capitalistas vividas nos finais do século XX. Compreendemos que classe é sempre uma relação como também coloca o historiador Thompson e assim explica a sua concepção:

As classes não existem como entidades separadas que olham ao seu redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se veem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produções fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os que as exploraram), identificam os nós dos interesses antagônicos, se batem em torno desses mesmos nós e no curso de tal processo de luta descobrem a si mesmas como uma classe, vindo pois a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.¹³²

Na perspectiva de Thompson a classe toma sentido dentro do processo de construção social, partindo da experiência histórica dos sujeitos sociais nas relações de produção. É nesse sentido, que dizemos que o designo *garimpeiro* apresenta-se diluído entre as distintas classes e grupos que atuam na atividade mineral. E, por isso, as próprias organizações congregam as distintas classes permanecendo as manifestações do antagonismo de interesses de classes em outros aspectos que discutiremos mais frente.

O que observamos no período do *boom* da mineração na Amazônia é que o garimpeiro trabalhador passa a vender sua força de trabalho ao proprietário de maquinário. E aquele garimpeiro que surge no período colonial que era dono da produção e dos meios de produção já não consegue atender os interesses do mercado. Nesse período, de boom da *garimpagem* na Amazônia fomentado pelo Governo Militar, era necessário certo investimento em maquinários a fim de atender a demanda da produção mineral, o minério ouro, devido a sua súbita valorização no mercado internacional entre as décadas de 70 e 90.

¹³¹ MARX, Karl. *Manifesto comunista.* Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/cap1.htm>>. p.85. Acesso em 21 de julho de 2012.

¹³² THOMPSON, Edward Palmer. Algumas observações sobre classe e falsa consciência. In: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (Org.). *Textos didáticos: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos E.P. Thompson.* Campinas: IFCH/UNICAMP, fevereiro de 1998.p.100.

Sobretudo, foi a pequena mineração, ou garimpagem, que se desenvolveu na Amazônia. Isso ocorre porque o minério se apresenta na forma aluvial, ou seja, em pequena profundidade garantindo também essa possibilidade de baixos investimentos para a produção e aproveitamento do mineral. Devemos levar em consideração que os métodos de extração mineral na pequena mineração ocorrem de diferentes formas, como nos revela José Armindo Pinto¹³³ quando diz que “os métodos de extração (lavra) utilizados na garimpagem são os mais variados possíveis, destacando-se o desmonte hidráulico (bico de jato), moinhos, manual, balsas e o tipo ‘Serra Pelada’.” Esse método de extração, junto ao garimpo de mergulho, é o mais comumente encontrado em Roraima.

O garimpo do *Tipo Moinho* é realizado através do carregamento dos resíduos pelos trabalhadores e colados na máquina que tem a função de moer as pedras, ou seja, transformar as pedras em pó e delas retirar o material mineral.¹³⁴ Muitas vezes esse tipo de garimpo é realizado para o reaproveitamento dos restos do material minerado em períodos anteriores, realizados através de pouca tecnologia, ocasionando a perda de parte do mineral.

O garimpo do *Tipo Manual* é realizado com auxílio de bateia, um recipiente de madeira ou metal com formato cônico. Mesmo que nesse período a forma preponderante de extração mineral em Roraima seja a semi-mecanizada, devido à introdução de maquinários, não podemos dizer que foi totalmente extinta à medida que compreendemos que é uma forma de garimpagem bastante disseminada entre os trabalhadores, perdurando durante séculos por ser desenvolvida com baixo custo.

Uma característica bem peculiar em Roraima é que as mulheres que atuavam como cozinheiras utilizavam-se desse de procedimento, garimpo Tipo Manual, para reaproveitarem para a garimpagem os restos de cascalhos descartados após a extração do mineral. A entrevistada Rosa conta como realizam essa atividade de garimpagem de forma manual e explica que o

repe é quando você pega o balde, a bateia e você vai pra beira da caixa onde ta mandando o material, que é a caixa que apara o material... o ouro e diamante e (depois) fica aquele monte de curimã e a mulher monta aquele barro que ta debaixo da caixa, bota dentro do balde e vai pra o garapé, vai batear aquilo ali, acha ouro, pega três gramas de ouro, duas gramas, uma grama, isso é que a gente chama de *repe*. Acha pedra diamante de dez pontos, cinco pontos, vinte pontos... vai juntando cata aquilo ali e vai guardando.¹³⁵

¹³³ PINTO, op. Cit.p.32.

¹³⁴MARTA, José Manuel. *Relações de produção no garimpo de Poconé – MT*. in: Revista de Estudos Sociais. Ano 3, nº 05, 2001. pp.17-32.

¹³⁵A referência da entrevista está na página 89.

Na narrativa podemos verificar que Rosa acumula algumas atividades nos garimpos, pois além de trabalhar como cozinheira, lavagem de roupas, dentre outros serviços domésticos, também trabalha na garimpagem fazendo a extração do mineral de forma manual com o auxílio da bateia. A realização dessa atividade extrativa, o *repe*, é uma concessão do proprietário do maquinário e, para a entrevistada, isso constitui uma vantagem à medida que pode acumular mais um ganho.

O que na realidade entendemos diante desse processo de acirramento de interesses e investimentos é que, na mineração em Roraima, o trabalho utilizando a bateia não se extingue após a introdução de maquinários, mas continua de forma concomitante com outras formas de extração mineral e é realizado tanto por homens quanto por mulheres nas áreas de mineração.

No Jornal *Folha de Boa Vista*¹³⁶ verificamos a imagem de dois trabalhadores realizando a extração mineral com bateia. Mas, é importante entender que não necessariamente a imagem do título é recente e retrata o mesmo local o qual o jornal se reporta. Pois, durante a pesquisa verificamos que a empresa que produz o jornal possui um arquivo de imagens que é acionado quando os jornalistas elaboram as matérias para a publicação. Dessa forma, utilizamos a imagem como expressão do trabalho desenvolvido com bateia nos garimpos em Roraima.

Imagen 01: índios denunciam garimpagem em região de reserva na região de Alta Alegre.



¹³⁶FOLHA DE BOA VISTA. Índios denunciam garimpagem em região de reserva na região de Alta Alegre. Ano XXVII, Edição 6251. Boa Vista: 08/02/2011. P.01 e 05A.(Versão em PDF cedida do arquivo digital do próprio jornal).

Nessa imagem vemos claramente a utilização da bateia e de água para a lavagem e cata do mineral que é realizada no leito de rios e igarapés. Nesse sentido, é importante ressaltar que dentre os vários tipos de garimpos na Amazônia entendemos que eles podem, ou não, ocorrerem de maneira totalmente em separado, mas muitas vezes se complementam congregando vários tipos de garimpos de forma simultânea em um mesmo local e, muitas vezes, desenvolvido pela mesma equipe de trabalho.

Outro Tipo muito comum de garimpo em Roraima é o de Mergulho. A extração mineral no garimpo de mergulho é realizada por intermédio da balsa onde fica o maquinário, os materiais e os trabalhadores que ficam sobre o rio. Muitos vão para a terra somente no dia de folga, a própria balsa é a morada dos trabalhadores. O autor Caheté explica a realização do trabalho no garimpo de tipo balsa:

O caso da extração nos leitos de rios se dá através do bombeamento do material do fundo para a superfície de grandes balsas. O bombeamento pode ser feito através de dragas flutuantes com bombas de sucção de 10 a 12 polegadas possuindo comando hidráulico... ou por uma mangueira operada diretamente por um mergulhador no fundo. Após a triagem do ouro nas balsas o processo segue... ou seja, amalgamento com o mercúrio e posterior queima deste.¹³⁷

Arnaldo, um dos entrevistados para esta pesquisa, relata um pouco da sua experiência no garimpo do *Tipo Mergulho* em Roraima e fala que esse trabalho é

feito através de maquinário... vestia roupa, capacete, chupeta e a profundidade é a partir de doze, quinze metros de profundidade... e trinta quilos de peso na cintura. Segurava, lá em baixo a pessoa tinha que segurar a mangueira de ar diretamente na cintura... todo sinal era pela aquela mangueira de ar, sinal de perigo, sinal de parar, sinal de continuar, tudo é pela aquela mangueira... (a gente fica) de joelho quando o serviço tá manso, em pé quando é pra furar, furação começa de joelho e termina, do meio para o fim, você fica em pé... a furação você chega embaixo desce a boca da mangueira diretamente para o rumo do solo... e você fica em pé pega a boca da mangueira e bota bem nesse encaixe do pé embaixo, nessa curva do pé pra poder dar pressão na mangueira para chupar a terra... Quando você chega na posição onde tá o ouro, depois que passa o cascalho tem um tipo de material dali pra frente fica na posição e daí pra frente você não aprofunda mais, você vai levando já lançante o trabalho, já tá manso você fica de joelho, fica deitado em riba da mangueira, fica tranquilo, só apalpando com as mãos sem ver nada, você conhece tudo só apalpando pela mão, como igualmente um cego, não ver nada só com a mão já sabe onde tá, se passar numa pedra... outra vez que você passar já conhece, você já conhece... que você já passou naquele local.¹³⁸

¹³⁷ CAHETÉ, Frederico Luiz Silva. *A extração do ouro na Amazônia e suas implicações para o meio ambiente*. Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido – NAEA/UFPA. Disponível em: <www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/14/13>. Acessado em: 13/09/2012. p.03.

¹³⁸ A referência da entrevista realizada com Arnaldo encontra-se no Capítulo I, na página 34.

Através da fala de Arnaldo, vemos como os trabalhadores desenvolvem a atividade no garimpo de mergulho, especialmente as dificuldades na realização desse tipo de atividade, na qual os trabalhadores passam muitas horas submersos em uma única posição fazendo movimentos repetidos e seguram o peso da mangueira com jato d'água e sucção. Esse tipo de atividade pode ocasionar lesões e sequelas graves à saúde do trabalhador.

Temos uma imagem de um mergulhador publicada em uma revista da Universidade Federal¹³⁹ em que podemos perceber o mergulhador com a máscara de mergulho e acoplado a ele uma mangueira de passagem do ar. No fundo da imagem tem outro trabalhador sobre a balsa, responsável pelas mensagens enviadas e manutenção do oxigênio. Vejamos:

Imagen 02: Mergulhador no Rio Uraricuare.



A imagem foi utilizada no artigo de Éder Rodrigues, no qual trata da legalização dos garimpos em áreas indígenas, e que traz as discussões dos grupos de interesse sobre esse tema. Na nota de rodapé da foto ele coloca a seguinte frase: “Mergulhador no Rio Uraricuera (RR), em 1989: mesmo proibida em 91, a atividade garimpeira ainda continua nos mesmos moldes em várias regiões do estado”. Uma informação que aparece, e que acreditamos ser importe acrescentar, é a imagem ser uma reprodução da revista *Manchete*.

¹³⁹ RODRIGUES, Éder. Mineração em Terras Indígenas: Legalizar ou não. *TEPUI: Dossiê das fronteiras*. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade Federal de Roraima. Ano I, Ed. 01. Roraima: UFRR, COORDCOM. 2012. p.48.

Durante a pesquisa conseguimos algumas imagens também de balsas que pertencem ao arquivo de uma trabalhadora do garimpo em Roraima e foram disponibilizadas por sua irmã Maria¹⁴⁰ que também trabalhou mais de dez anos nos garimpos e encontra-se impossibilitada de exercer a atividade devido aos sérios problemas de saúde no estômago, rins, pulmões e fortes dores de cabeça. Atualmente trabalha na limpeza de um órgão público municipal. A irmã de Maria, proprietária das fotos, conta que havia três meses que a família não recebia nenhuma notícia dela. Devido aos riscos de prisões nas operações policiais e até mesmo das adversidades da vida nos garimpos, não daremos informações sobre a trabalhadora e sua família.

Imagen 03: Barco abastecendo a balsa.



Imagen 04: trabalhadores entrando na balsa.

¹⁴⁰ O nome Maria foi substituído devido à situação delicada em que se encontram os trabalhadores dos garimpos em Roraima com as constantes operações e prisões engendradas pela polícia. A data grafada nas imagens podem não corresponder à data em que as fotos foram tiradas e os locais específicos dos garimpos onde as fotos foram tiradas também não são possíveis de serem informados. As fotos foram disponibilizadas no dia 10/06/2012.



Imagen 05: Duas balsas na encosta do rio.



Nas imagens observamos as balsas instaladas no leito dos rios. Os barcos são utilizados para abastecimento, escoamento da produção e locomoção das pessoas. Nas imagens também vemos as vestimentas usadas pelas pessoas que estão nos barcos e balsas e também redes e roupas na armação do teto protetor da balsa onde os trabalhadores vivem e trabalham.

Essas outras imagens mostram o maquinário montado nas balsas.

Imagen 06: Caixa concentradora do material mineral.

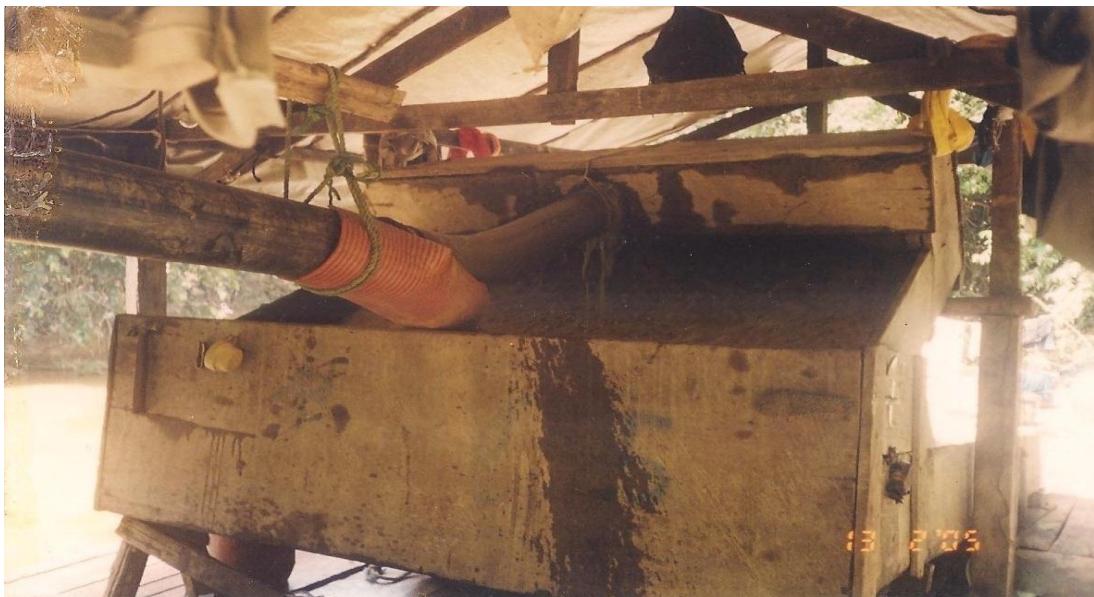


Imagen 07: Caixa usada na concentração e lavagem do material mineral.



Na primeira imagem temos a caixa que recebe o material sugado pela mangueira do fundo do rio pelos trabalhadores. Esse material passa pelo processo de separação, em que é separado o material descartado do mineral ouro e outras pedras preciosas. Na segunda imagem vemos o processo de lavagem do material mineral após a sua concentração na caixa. Essas duas fases expostas nas duas imagens podem ser verificadas também no garimpo do Tipo Baixão.

Câmara apresenta os três principais tipos de “garimpos” mais comuns na Amazônia. Um deles é o realizado com balsas e/ou dragas¹⁴¹ que se encontram “no sedimento dos rios”, que discutimos como garimpo do Tipo Mergulho. O outro seria o tipo “veio ou moinhos”, quando localizado em rochas, que é o garimpo do Tipo Moinho que discutimos anteriormente. E um dos tipos mais comum é o garimpo do *Tipo Baixão* que é realizado próximo ao leito dos rios e igarapés e que discutiremos agora.

Câmara¹⁴² apresenta um esquema para o garimpo Tipo Baixão, no qual representa o processo de trabalho. Vejamos:

Figura 01: Representação esquemática do processo de trabalho em um garimpo tipo baixão.

PREPARO DA INFRAESTRUTURA

Objetivo: preparo da infraestrutura dos locais de trabalho e de moradia

Operação: desmonte, limpeza da área, etc.

Instrumento de trabalho: pás, enxadas, motosserras

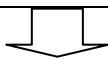


DESMONTE HIDRÁULICO

Objetivo: desmonte de barrancos através de jatos d’água

Operações: tratamento para derrubar barranco e sucção até a caixa concentradora

Instrumento de trabalho: bomba hidráulica, mangueiras, etc.



CONCENTRAÇÃO DO OURO

Objetivo: concentrar ouro em uma caixa de madeira forrada com pano ou carpete onde o ouro é amalgamado com mercúrio

Operações: concentração de material (ouro, areia, argila, etc.), lavagem do material e identificação do amálgama

Instrumentos de trabalho: caixa de madeira, balde, sabão, etc



QUEIMA DO OURO

Objetivo: valorizar o mercúrio e obter ouro como produto final

Operação: queima de amálgama

Instrumento de trabalho: bateia, maçarico, recipiente abastecido por gás, etc.

¹⁴¹ A draga é uma mangueira que é acoplada em um motor e é utilizada para a sucção do material minerado nos garimpos. No dicionário temos a seguinte definição “aparelho destinado a tirar areia, lodo, entulho etc. do fundos dos rios ou mares”. CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.p.278.

¹⁴² CÂMARA, Volney de M. Garimpos de ouro: principais problemas de saúde e dificuldades para o desenvolvimento de estudos epidemiológicos. In: MATHIS, A. e REHAAG, R. (Eds.) *Consequências da Garimpagem no Âmbito Social e Ambiental da Amazônia*. Belém: FASE, F. BUNSTITIFF e KATALYSE, 1993.p.39.

Esse esquema de Câmara nos fornece muitos elementos que são básicos da atividade de extração mineral no garimpo do *Tipo Baixão* que, na Amazônia, vai desde a preparação das áreas de garimpagem até o beneficiamento do mineral realizada através da queima. Mas, falta aqui o elemento fundamental para realização do trabalho no garimpo do *Tipo Baixão*. Falta o elemento humano sem o qual todas as fases, elencadas pelo autor acima, não seriam possíveis de serem realizadas. Câmara não coloca em seu esquema os trabalhadores que são imprescindíveis para a realização da produção mineral.

O autor Caheté ao tratar da garimpagem, especialmente, o garimpo do *Tipo Baixão* explica.

O garimpo pode ser de terra firme ou nos leitos dos cursos d'água. Em terra firme geralmente ocorre o desmonte de margens e encostas (os baixões) com fortes jatos d'água... através de uma chupadeira o material resultante da lavagem com bico de jato é dragado e conduzido até uma caixa de madeira. A caixa, predominante em comprimento, é forrada com saco de aniagem ou carpete e possui taliscas transversais. Na parte superior da caixa e junto às taliscas é colocado o mercúrio para que forme uma amalgama com as partículas de ouro presentes. Parte do mercúrio não combinada com o ouro é perdida para o ambiente, como também o é a parcela amalgamada durante o processo de queima desta liga para purificar o ouro.¹⁴³

A produção do mineral ouro em Roraima geralmente segue esse esquema, na qual o maquinário é composto de um jato de água, ou bico de jato, que é utilizado para desmontar os barrancos. Após o desmonte é realizada a sucção do material que se concentrará em local adequado para a separação na qual, na maioria das vezes, essa separação é realizada com a utilização do mercúrio. Vejamos as imagens¹⁴⁴:

Imagen 08: trabalhadores realizando a limpeza da área usando também a mangueira Bico de Jato.

¹⁴³ CAHETÉ. Op. Cit. p.03.

¹⁴⁴ As tarjas pretas nos rostos das pessoas que aparecem nas imagens são para não serem identificadas. Foi uma recomendação de Maria, que nos cedeu as fotos.

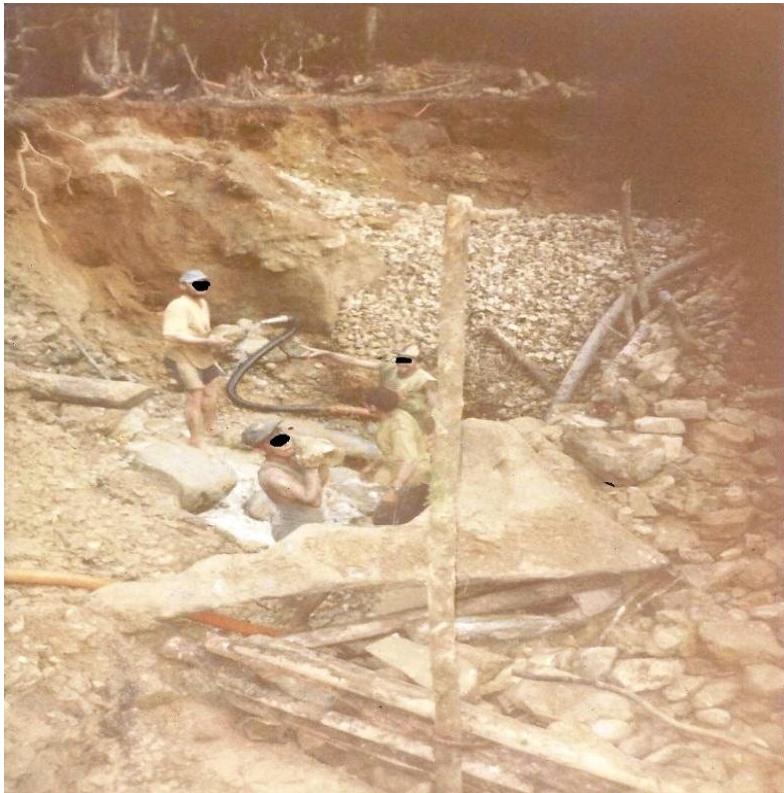


Imagen 09: utilização da mangueira Bico de Jato no desmonte do barranco.



Imagen 10: trabalhadores usando a mangueira da Draga e Bico de Jato¹⁴⁵.

¹⁴⁵ RODRIGUES, Éder. Mineração em Terras Indígenas: Legalizar ou não. In.: *Tepui: Dossiê das fronteiras*. Universidade Federal de Roraima, 2012. p.48.



Imagen 11: Estrutura onde está montado o motor e mangueiras bico de Jato e sucção.



Imagen 12: Motor usado nas mangueiras bico de Jato e sucção.



Imagen 13: Caixa onde se concentra o material mineral.



Imagen 14: Estrutura de concentração e lavagem do ouro.



Imagen 15: trabalhadores lavando o mineral.



Nas imagens 08 e 09 verificamos os trabalhadores realizando a limpeza do local e o desmonte do barranco utilizando a mangueira Bico de jato. Nas imagens 09 e 10 vemos a estrutura e o motor onde são adaptadas as mangueiras bico de jato e de succão. Nas imagens 11, 12, 13 e 14 observamos a estrutura da caixa onde se concentra o material mineral que será

lavado e a mangueira de sucção responsável por despejar o material na caixa e retirar os materiais descartados dos locais após o desmonte. Na imagem 15 observamos os trabalhadores realizando a lavagem do mineral.

Nessas imagens analisamos que as estruturas na garimpagem são montadas basicamente com madeiras, assentados o motor e mangueiras bico de jato (jato de água) que realiza o desmonte e sucção responsável por retirar o mineral dos locais de desmonte para serem lavados. Percebemos nas imagens que o trabalho manual realizado pelos trabalhadores é bastante utilizado, destacado em algumas imagens pelo fotógrafo.

A experiência na extração mineral é relatada pelo autor Esperidião, em seu livro de crônicas, onde também descreve a experiência de outras pessoas, e dele próprio, no período auge dos garimpos em Roraima, na década de 80. Esperidião no período em que foi para o garimpo era servidor público e ocupava um cargo na Polícia Militar no, então, Território Federal de Roraima. Em uma de suas férias vai se “aventurar” no garimpo, na fronteira entre Brasil e Venezuela.

O autor, ao relatar sua experiência na atividade de mineração, trata especificamente sobre a separação do mineral de outros materiais. E diz sobre a

despescagem – neologismo criado pelos garimpeiros, que implica na lavagem do cascalho na caixa de escolha... A tal caixa é uma estroverga elaborada a partir de um caixote de madeira retangular, alto na cabeceira e rebaixado na outra extremidade, recoberta o seu interior por panos de sacos de aniagem próprios para deixar passar areia, material mais maneiro, ao mesmo tempo em que segura as fagulhas de ouro, que contém massa mais pesada.¹⁴⁶ (grifos do autor)

A “despescagem”, que é como os trabalhadores chamam o processo de separação do material mineral após a retirada do barranco, é realizada através do depósito na caixa forrada na qual o ouro se acumula. Esperidião ainda revela que “com muita sorte, o garimpeiro pesca também, em meio às fagulhas de ouro, invariavelmente, pequenas pedras de diamante, os tais xibius, dependendo do local em que está extraíndo o minério”¹⁴⁷. Além do mineral ouro que é separado na caixa de “despescagem” ainda alguns outros minerais como o diamante também são retirados desse local.

É importante destacar que Esperidião foi trabalhar nos garimpos com um grupo de amigos e colegas de trabalho e não constituiu um vínculo empregatício com proprietário de maquinário. Os investimentos na garimpagem foram realizados em conjunto pelo grupo e a

¹⁴⁶ ESPIRIDIÃO, Francisco. *Histórias de Garimpo: Extração mineral em terras roraimenses*. Fortaleza: Tipogresso, 2011. p.44.

¹⁴⁷ Ibidem.p.44.

extração mineral pode, inclusive, ter sido realizada de maneira mais rústica que o realizado nos garimpos com maquinários assentados há mais tempo.

Arnaldo¹⁴⁸, que trabalha nos garimpos desde os 14 anos e conhece bem a “despescagem”, também fala desse aspecto:

Seis horas acorda, começa a resumir todos os matéria(is) que passou pra cima de uma caixa, lá tem uns panos... com pouco de terra e um pouco de ouro aí vão pro barraco tornar a fazer outro processo pra poder tirar um pouco de terra que tem dentro do ouro pra poder ficar o ouro limpo, só ouro pra fazer a repartição e pesar.

Os trabalhos realizados nos garimpos do *Tipo Baixão* e do *Tipo Mergulho* são realizados com equipes de trabalhadores que estão organizadas em torno da atividade de extração mineral, que varia de acordo com a quantidade de máquinas e a necessidade para operá-las. Mas, dependendo da quantidade de maquinário e da equipe por máquina, a quantidade de pessoas por equipe de trabalho altera-se bastante de acordo com a necessidade da produção. Alguns relatos nos dão uma quantidade de vinte ou trinta pessoas, outros apenas quatro ou seis. A formação desses grupos de trabalhadores também dependerá do local onde está organizada a extração mineral.

Partindo da análise do gráfico de Câmara¹⁴⁹ conseguimos ressaltar, ainda, um elemento bastante significativo na peculiaridade da mineração em Roraima e que não foi suscitada pelo autor. Especialmente com relação às fases elencadas, elas não têm início com a formação ou a instalação do maquinário, mas com a construção das pistas de pouso e decolagens que permitem a base para a instalação e manutenção das áreas de mineração. E para a construção destas pistas é necessária a atuação dos trabalhadores.

As pistas de pouso e decolagem, na maioria das vezes, são construídas com a força de trabalho dos trabalhadores, com a perspectiva de trabalharem nos garimpos próximos. Ou eles estão sob o aguardo de vagas, ou já estão com esta garantida, junto aos proprietários de maquinários. Porém, esse trabalho de suposta “parceria”, na qual o trabalhador ganha por produção, em muitos casos justifica a não remuneração dos trabalhadores na construção da pista de pouso e decolagem e instalação do garimpo.

Na Amazônia, como um todo, a construção de pistas de pouso e decolagem representou um aumento significativo nos investimentos para a exploração mineral, como nos revela Brüseke. Na sua avaliação sobre este aspecto diz que

¹⁴⁸ A referência da entrevista realizada com Arnaldo encontra-se na página 40.

¹⁴⁹ O esquema sobre o garimpo do Tipo Baixão do autor está na página 87.

A União dos Sindicatos e Associações da Amazônia Legal (USUGAL) estima que em 1990 o número de garimpeiros na região amazônica ultrapassara a cifra de um milhão. Cerca de 900 pistas de pouso servem os garimpos entre os quais se movimentam aproximadamente 700 aviões, inclusive 20 helicópteros. A produção aurífera compreendida entre os anos de 1980 a 1990 soma-se aproximadamente 650t de ouro... isto significa que, em pouco mais do que uma década, a Amazônia alcançou o total do ouro produzido nos 80 anos de ciclo entre 1721 e 1980.¹⁵⁰

O autor estabelece mudanças significativas na produção mineral, representadas tanto no aumento dos trabalhadores na região amazônica como também nos investimentos para a produção mineral. Brüseke baseia-se nos dados da União dos Sindicatos e Associação de Garimpeiros da Amazônia Legal. Apesar do acompanhamento da USUGAL, acreditamos que não é possível quantificar, de maneira exata, os trabalhadores, a produção e também os investimentos em maquinário e transporte, por ser a região Amazônica muito extensa e não há (ou houve) um controle sistemático nessas áreas de garimpagem a ponto de detalhar os investimentos em cada uma.

Dessa forma, não conseguiremos quantificar de maneira precisa o total de trabalhadores ou pessoas que estavam inseridas no processo de produção mineral, ou as pessoas que trabalhavam nas áreas de extração mineral em Roraima. Mas existe uma variedade de especulações sobre a quantidade de pessoas que atuavam nas áreas de mineração. Em uma declaração do presidente da Associação dos Garimpeiros de Roraima, José Texeira Peixoto, conhecido como “Baixinho”, a um jornal local, o mesmo relata que:

Atualmente a Associação de garimpeiros tem dois mil garimpeiros registrados, um número considerado pequeno haja vista a estimativa de garimpeiros existentes hoje no território. ‘Baixinho’, que esteve no garimpo na semana passada, faz uma pequena previsão bastante otimista de 30 mil homens espalhados nos garimpos.¹⁵¹

A declaração de “Baixinho” ao jornal local nos é bastante válida porque ele está em contato maior com as áreas de mineração através de visitas e associando os interessados que atuam na produção mineral. Mesmo assim é difícil nos basearmos apenas nas declarações publicadas neste jornal, especialmente porque existem certas implicações sobre esta fonte que não podemos utilizá-la tão somente como fonte de informação.

Acreditamos que a análise da mídia impressa é muito importante por que está imbricada nos interesses e conflitos sociais. Os jornais são uma das fontes que selecionamos para compreender a sociedade roraimense, mas para que isso ocorra é necessário compreender

¹⁵⁰ BRÜSEKE, Franz Josef. Mineração, ouro e a caotização de uma região. In: MATHIS, A. e REHAAG, R. (Eds.) *Consequências da Garimpagem no Âmbito Social e Ambiental da Amazônia*. Belém: FASE, F. BUNSTITIFF e KATALYSE, 1993.p.23.

¹⁵¹ FOLHA DE BOA VISTA. Garimpeiros continuam na luta pelo sindicato. Boa Vista: 28/09/1988. P. 03.

que esses jornais se constituem numa “linguagem” específica e que estão organizados através de interesses e projetos políticos, como explicitado pelas autoras. Por isso, a importância em compreender o diálogo estabelecido entre os grupos de interesse que produzem o jornal e que estão envolvidos nas disputas políticas pelas áreas de mineração. Não utilizaremos o jornal como simples informativo, mas como uma fonte e parte constitutiva das disputas e pressões políticas engendradas pelos diferentes grupos de interesses sobre as áreas de mineração.¹⁵²

Ainda sobre a população envolvida na mineração em Roraima, o autor Francisco Esperidião¹⁵³ em seu livro de crônicas diz que após o fechamento das áreas de mineração, no início dos anos 90, foram retirados “50 mil garimpeiros”. Apesar de existir estimativas e percentuais variáveis, como podemos perceber, não é possível precisar a quantidade de pessoas que atuavam nas áreas de mineração devido ao isolamento e falta de qualquer controle que possibilitasse a compreensão da dimensão populacional envolvida na atividade.

Os dados oficiais sobre os garimpos encontram-se no DNPM. O autor Câmara¹⁵⁴ ao trabalhar com os dados elabora a seguinte Tabela:

Figura 2: Distribuição por Estados de Garimpos e população garimpeira. Brasil-1991

¹⁵² CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: história e imprensa*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.35, dezembro de 2007, p.260. Disponível em: < revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2221/1322 > Acessado em: 01/10/12.

¹⁵³ ESPERIDIÃO, Francisco. *Histórias de garimpo: extração mineral em terras roraimenses*. Fortaleza: Tipogresso, 2011. O autor narra algumas experiências de outras pessoas, como dele próprio, nos garimpos.

¹⁵⁴ CÂMARA, Volney de M; COREY, Germán. *Epidemiología e Meio Ambiente. O Caso dos Garimpos de Ouro no Brasil*. México: Centro Panamericano de Ecologia Humana e Saúde (ECO/OPS), Metepec, ISBN: 92 75 37059 1, 1992.p.20.

Estados	Pontos de Garimpos		Garimpeiros	
	Nº	% por Estados	Nº	% por Estados
Pará				
● Margem direita do rio Tapajós	360		110.000	
● Margem esquerda do rio Tapaós	25		40.000	
● Serra pelada, Sereno, Cotia e Curionópolis	20		22.000	
● Cumaru e garimpos próximos	18		7.000	
● Margem esquerda do rio Gurupi	12		40.000	
● Outros	5		2.500	
Sub-total	440	(34,7)	221.500	(52,7)
Amapá	37	(2,9)	5.000	(1,2)
Amazonas	77	(6,1)	7.210	(1,7)
Rondônia				
● Rio madeira	65		15.000	
● Outros	5		7.200	
Sub-total	70	(5,5)	22.200	(5,3)
Roraima	138	(10,9)	13.650	(3,2)
Mato Grosso				
● Peixoto de Azevedo	8		40.000	
● Alta Floresta	30		22.500	
● Outros	47		38.200	
Sub-total	85	(6,7)	100.700	(24,0)
Goiás	130	(10,3)	21.350	(5,1)
Minas Gerais	67	(5,3)	15.000	(3,6)
Tocantins, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Piauí, Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	222	(17,5)	13.310	(3,2)
Total	266	(100)	419.920	(100)

Na figura observamos que a maior parte da população garimpeira encontra-se no Pará, representando 52% do quantitativo do país, e a estimativa para a população garimpeira em Roraima é de mais de 13 mil trabalhadores, o que representa um percentual de 3,2% do quantitativo do país. Não acreditamos que esses dados possam realmente corresponder ao quantitativo de pessoas que se ocuparam na atividade de garimpagem, especialmente em Roraima, devido às dificuldades de controle por parte do poder público nas áreas de mineração.

Por isso, não nos deteremos em desvendar as supostas quantidades de pessoas nas áreas de mineração, por entender que existe uma condição de clandestinidade e de mobilidade dessas pessoas nessa atividade que transpassam o controle oficial. O que nos instiga é estabelecer uma clareza sobre as condições de vida e trabalho a que esses trabalhadores nas áreas de mineração estão submetidos.

J. A. Pinto¹⁵⁵ diz que “em 1988 os garimpos da Amazônia produziram mais de um bilhão de dólares (cerca de 9% do PIB regional), ou seja, três vezes o valor de produção do ferro de Carajás”. Isto significa que a Amazônia foi alvo de empreendimentos e investimentos para esta atividade, demonstrando a existência clara de interesses nesse setor e como isso foi foco da migração de mão de obra para a região.

As áreas que possuem o mineral ouro localizam-se ao norte e noroeste do Estado de Roraima, geralmente são áreas de difícil acesso e na maioria delas só é possível adentrar com utilização de aviões, canoas ou a pé por não possuírem estradas. São áreas localizadas em meio à floresta desprovidas de infraestrutura básica e assistência médica e sanitária, além se constituírem áreas de interesse das populações tradicionais, os índios, que vivem na região.

No período de maior produção mineral, na década de 80, o aeroporto de Boa Vista chegou a possuir o maior número de pouso e decolagens do país. Pois, a via aérea se constituía na maneira mais rápida de chegar aos locais de extração mineral, assim como retirar os minerais e levar materiais necessários à atividade de mineração nos locais.

Dessa maneira, foram abertas diversas pistas de pouso e decolagem de aviões pelo interior das regiões de mineração. As pistas às vezes atendiam vários locais de extração mineral, ou seja, vários locais em que estavam instalados os maquinários e os grupos de trabalho. As pistas de pouso e decolagem quando são abertas recebem uma identificação, um nome, facilitando a sua localização se tornando referência para os garimpos que se localizam próximos.

A pista de pouso e decolagem de aviões concentra uma particularidade na manutenção da atividade de extração de minerais, especialmente, o ouro, dado o isolamento das áreas de mineração em Roraima. Além disso, é nesse local que se forma o pequeno núcleo urbano, a *currutela*. São locais em que se desenvolve uma área de pequeno comércio.

No comércio são vendidos desde utensílios básicos de cozinha, alimentos, como também drogas, armas e serviços como salão de beleza, restaurante e também serviços

¹⁵⁵ PINTO, José Armindo. Garimpagem: contribuição ao desbravamento e ocupação da Amazônia. In: MATHIS, A. e REHAAG, R. (Eds.) *Consequências da Garimpagem no Âmbito Social e Ambiental da Amazônia*. Belém: FASE, F. BUNSTITIFF e KATALYSE, 1993.p.31.

sexuais. Além de ser o local da entrada e saída das pessoas nas áreas de mineração, ou seja, a negociação sobre as passagens aéreas para quem se encontra nessa região também é realizada nesses locais.

Muitos trabalhadores e também materiais para os grupos de trabalho que atuam na extração mineral são levados até a *currutela* e depois encaminhados até os locais de extração mineral, propriamente o *barranco* ou balsa. Para seguir até esses locais algumas vezes é preciso utilização de canoa, mas outras apenas uma caminhada na mata, que os trabalhadores chamam de *varação*, que pode durar horas ou dias.

Para sair dos locais de extração mineral da mesma forma é necessário ir à pista de pouso e decolagem e pegar um avião de volta para a cidade. Uma entrevistada, a senhora Ema, conta como fez para sair do garimpo.

Lembro uma vez que eu vim lá do Banana.... vinha *varando*... (para a) pista do Jeremias, eu tinha dois gatos lá no garimpo, dois gatinhos. Aí como lá no garimpo tinha os índios e eu fiquei com medo de deixar os gatinhos dentro dos garimpos porque eu pensava que os índios iam querer os meus gatos. Aí o que eu fiz, peguei... e coloquei os dois gatos dentro do balaio pra ficar só a cabecinha dos dois gatos do lado de fora, só que os gatos eram bem mançinhos e (ainda) tinha muita *boroca*¹⁵⁶... só que... os meninos queriam fazer uma varação comigo e eles me ajudavam a trazer a minha bolsa e eu só trazia o balaio, aí quando a gente passava naqueles baixão que tinha barraco... lá tinha os garimpeiros trabalhando e eles riam deu atravessando com aquele balaio. Aí eles falavam assim “eu já tinha ouvido falar muito de balaio de gato, mas nunca tinha visto”, no garimpo todo mundo viu o balaio de gato... Tinha o balaio dependurado aqui e eu não tava nem aí, mas eu não (iria) deixar meus gatos... eu não dei xe. Eu trouxe, dei xe eles lá na pista do Jeremias onde os gatos ficaram, lá não tinha maquinário só tinha um pessoal morando lá, aí dei xe lá pro pessoal ficar cuidando deles lá. Eu não ia deixar eles lá dentro do garimpo sozinhos e abandonados.

Na fala da entrevistada observamos que sua saída do garimpo não se deu de forma simples por este local estar a certa distância da pista de pouso e decolagem. Ema ainda tinha o interesse em levar seus pertences e seus animais domésticos, como os seus dois gatos, precisando de ajuda dos companheiros de trabalho para fazê-lo. E quando chegou à pista Ema deixou seus gatinhos aos cuidados de moradores da *currutela* e retornou à cidade de avião.

Compreendemos que a *currutela* não é somente a área de lazer dos trabalhadores, mas também o local de encontro e manutenção de relações de amizade, de companheirismo e solidariedade. Pois, os locais de extração mineral congregam diversos elementos, como a relação estabelecida entre companheiros de trabalho e com o patrão, sob um regime de exploração intensa, e também com os índios, este último visto com estranheza devido aos costumes diferentes. Todos esses elementos convergem na busca de manter a relação com o

¹⁵⁶ Os trabalhadores do garimpo utilizam o termo *boroca* para denominar as bolsas e/ou mochilas onde guardam e transportam seus pertences.

oposto, que seria o que foi deixado do lado de fora dos garimpos e por isso a *currutela* se constituir o local privilegiado para manter essas relações.

Ali é o lugar onde os trabalhadores estão mais próximos da cidade, do lado de fora dos garimpos, e é como se fosse a porta de entrada e saída, é aonde chegam e saem as informações, os mantimentos, a produção e as pessoas. E aonde as relações vão além do puramente comercial, são de confiança e de solidariedade. Como Ema deixou claro na sua fala, quando leva os gatinhos do garimpo, devido à desconfiança dos índios, os deixa na *currutela*. Na realidade o que observamos é que Ema está revelando que não confia nas relações estabelecidas com os índios, o que se configura como uma demonstração do conflito, e, por outro lado, tem relação solidária com os moradores da *currutela*.

A *currutela* é estabelecida nas laterais da pista de pouso e decolagem, como nos relata o entrevistado Arnaldo, lugar que frequentava nas folgas do trabalho na extração mineral.

Tem vez que a *currutela* fica na beira da pista de pouso... de um lado e de outro tudo é casa, tudo é barraco... na pista, o avião desce fica mais ou menos assim no meio de uma rua dessa cheia de casa de um lado e de outro, o avião desce bem no meio da rua das casa.

As casas ou *barracos*, como são denominadas pelas pessoas que trabalham nesses locais, são feitas de forma bastante precária e provisória. São construídas com materiais como madeira, lona ou palha, por serem os materiais disponíveis e/ou de mais fácil acesso devido ao isolamento das áreas de mineração. Na *currutela* também pode ser encontrada uma quantidade variável de drogas que podem ser usadas no local ou levadas para os locais de extração mineral, como ainda nos relata Arnaldo:

Eles vende maconha, droga, pó, tudo, craque, tudo eles vende lá dentro, não tem dessa não, tem os boquero que vende, quem gosta lá tem o primeiro prato preferido... quem gosta vai lá compra e leva... pro barraco pra fumar escondido que o dono, geralmente o dono não gosta que fume lá no barraco... Tem outros que trabalha drogado, isso aí tem muitos lugar, muitas máquinas, depende do dono se dono aceitar rola tudo, se o dono não aceitar ele vai caçando aqueles garimpeiro que não gosta e faz aquela turma só de gente que não gosta de droga, outros não, tem vez que o primeiro (a usar é o) dono de máquina.

Como podemos perceber com o relato, os locais de extração mineral, geralmente isolados em meio a florestas, são servidos por uma área onde além de outros serviços concentra drogas onde muitas vezes os trabalhadores se submetem à exploração utilizando

drogas para manter-se no trabalho. Muitos o fazem as escondidas e outros, quando permitido pelo patrão, o fazem de forma regular.

Devido à distância dos centros urbanos e a falta de infraestrutura básica, o lugar de referência como lazer para os trabalhadores é também a *currutela*. Simone conta um pouco da sua experiência nesse local:

Bom na época que eu tava lá, eram três *currutelas*, era na, cada *currutela* acho que tinha dez barracos, aí varia porque não sei a proporção de pessoas que tinha em cada barraco, mas tinha muitas pessoas. Por exemplo, onde fica as mulheres que vão fazer programa fica dez, quinze mulheres e é real. Quando às vezes estão sem trabalhar, eu sou amiga, amiga, elas vem aqui em casa criou um vínculo... tem uma amiga que é muito gente fina, na verdade eu não fui porque eu acho que não tem coisa pior do que ser puta na vida, eu pra mim não deu não. Só um dia que eu fui pra lá, eu fui só beber e eu nem morava no cabaré, eles chamam cabaré. Eu tava lá e comecei a beber um homem feio mais do que o cão (risos) e aí meu Deus não tem condição... o cara chegou lá e queria ficar comigo e eu disse ‘não moço não tem dinheiro no mundo’ porque esse homem era feio demais. Ele ficou com raiva e me deu foi um tiro, só não pegou no meu pé porque eu acho que ele tava bêbado e tava muito difícil acertar porque senão ele tinha acertado. Eu disse definitivamente ser puta pra mim não tem condição, não fui mais lá, porque fiquei com medo. O que eu fazia era um pontinho levava lona... é como a gente faz o barraquinho.

Simone¹⁵⁷ trabalhou na *currutela* prestando serviço de cabeleireira e mesmo assim passou por dificuldades. Por serem as únicas alternativas de diversão, os cabarés e bares que fazem parte destes estão propensos a casos de conflitos e até mesmo de mortes. Os homens e mulheres que trabalham nos locais de extração mineral dirigem-se, nos dias de folga, às *currutelas* como nos relata Rosa¹⁵⁸:

Tinha o final de semana nós cozinheira temos direito de ir para a *currutela*, a gente chama *currutela*... um lugar onde é cheio de barraco, onde vende bebida, vende arma, vende um bocado de coisa, onde se encontra todos os garimpeiros no final de semana. Vão lá para beber umas, gastar, arrumar uns paqueras por lá, porque a vida de garimpeiro é essa é trabalhar e se divertir, gastar o ouro com quem está precisando e esperando (sorrisos).

O centro de lazer dos homens e mulheres que trabalham nos locais de extração mineral é, portanto, a *currutela* que é a mesma área que está exposta à venda de drogas, armas e prostituição. Patrícia¹⁵⁹ relata que todos vão para a *currutela* no

¹⁵⁷ Entrevista realizada no dia 16 de janeiro de 2012 com intervalo e continuação no dia 23 de janeiro de 2012. A entrevistada Simone trabalhou como autônoma na *Currutela* prestando serviços em salão de beleza e atendia homens e mulheres que trabalhavam nas várias atividades vinculadas à garimpagem, atualmente desenvolve essa mesma atividade na cidade de Boa Vista em um bairro periférico. Assim como os das outras entrevistadas o seu nome foi substituído.

¹⁵⁸ A referência da entrevista realizada com Rosa encontra-se na página 89.

¹⁵⁹ Essa entrevista com Patrícia foi realizada no dia 26 de agosto de 2008. Nesse período a entrevistada encontrava-se cumprindo pena por tráfico de drogas, autuada a caminho do garimpo com um pacote de maconha.

dia de domingo, pra gente ir na cantina tomar refrigerante, uma geladinha, quem gosta de tomar uma geladinha e quem não gosta... (toma) refrigerante... Quem vai às vezes (pra *Currutela*) tem um parceiro e os garimpeiros falam (vamos) cozinheira... a gente vai e eles agrada a gente no barraco, agrada a gente na cantina, no comércio ‘toma refrigerante, quer tomar sorvete’... agrada de novo, na cantina, no comércio.

A entrevistada Simone acrescenta:

Na *currutela*, na verdade tinha tudo. Na *currutela* na verdade tem tudo que tu poder imaginar que tem na cidade, até verdura, tudo vende, porque vai avião pra lá e leva o rancho e toda semana tem rancho tudo que precisar de temperos de tudo.

A entrevistada relata que no garimpo em que trabalhou tinha de tudo, desde carne fresca a verduras, os comerciantes utilizavam também motor de energia, já que não havia energia elétrica nas áreas de mineração em Roraima. Como podemos perceber nas áreas de garimpagem ocorre uma adaptação a uma nova realidade vivenciada diariamente por esses homens e mulheres que trabalham e vivem o isolamento dessas áreas:

As boates lá é tipo duzentos e vinte é ligado direto, quase não para. Uma vez eu até estranhei que estava tudo em silêncio, eu meu deus do céu, era um motor de energia, cada um tem seu motorzinho, eu tinha também, todo mundo tem um motorzinho um gerador. Porque não tem energia elétrica é tudo no motorzinho a gente aluga, no meu caso eu aluguei... por mês pra ter um motorzinho e era ligado direto. Mas lá no meu era pra fazer escova pra fazer química, eu tinha que ter um motor.

Muitos trabalhadores com o passar dos anos e a continuidade do trabalho nessas regiões passam a aceitar as condições de vida e trabalho, a vida provisória passa a ser natural. Rosa que, nasceu no Pará, diz que trabalhou durante 23 anos nos garimpos, em diversos Estados como Pará, Mato Grosso, Rondônia e também outros países como Venezuela, Colômbia, Guiana Inglesa¹⁶⁰, Suriname e Guiana Francesa. Rosa conta que, para exercer a atividade nos garimpos, deixava os filhos com sua mãe e quando os filhos ficaram adolescentes dois se envolveram com crimes e uso de drogas, o que no dia da entrevista era uma causa de angústia. Rosa esclarece que foi para o garimpo e deixou de trabalhar como doméstica em casas de família, o que para ela significou uma vantagem por deixar de “sofrer humilhações nas casas”. E diz:

A entrevistada encontrava-se cumprindo pena na Penitenciaria Feminina de Monte Cristo e seu nome foi substituído.

¹⁶⁰ A República Federativa da Guiana tornou-se independente da Inglaterra, mas os trabalhadores e as pessoas que moram na região fronteiriça chamam-na de Guiana Inglesa, talvez como forma de diferenciar da Guiana Francesa, que é Departamento Ultramarino da França.

Então, me adaptei tá no meio daquele povo, parece assim que você tá noutro planeta, você esquece todos os problemas de sua casa, já é outras amizades, você tem com quem dialogar, conversar, se entreter e você se sente como se tivesse em outro planeta. Você não se lembra de sua casa mais.

Mas essa aceitação, ou adaptação de que nos fala Rosa, das condições e relações nas regiões de mineração em Roraima, ocorre porque as condições fora dos garimpos, nas cidades ou locais de origem, são muito mais difíceis e sem perspectiva de ascensão social ou de adquirir o mínimo, como uma casa. Por isso, muitos trabalhadores deixam suas famílias e rumam para as áreas de garimpagem, sustentadas pela necessidade e pela esperança.

Esse tempo nas áreas de garimpagem se dá, na maioria dos casos, longe da família e dos amigos e o único contato com o mundo externo é o rádio, que é utilizado, não só para receber informações, mas também para se comunicar com amigos e familiares no dia de folga que, muitas vezes, quando ocorre, é aos domingos à tarde. O acesso ao rádio vai depender do lugar em que a pessoa está trabalhando.

Esperidião no seu livro de crônicas ressalta a importância deste veículo de comunicação:

As sonoras ondas da *Rádio Nacional de Boa Vista* eram o nosso único elo com a civilização em meio à imensidão da mata. Depois de um dia de estafante trabalho no barranco, à noite, o nosso divertimento era ouvir o carro chefe da emissora, o programa “O Mensageiro do Ar”, que muitos insistiam em chamá-lo de “Avisos para o interior”.¹⁶¹

O rádio no período de grande fluxo nas regiões de garimpo em Roraima cumpriu um papel fundamental na comunicação dos trabalhadores que ficavam isolados nas áreas de extração mineral. Era quando a família se dirigia à Radio para transmitir e receber recados entre as pessoas que estavam fora dos garimpos e os que lá estavam.

As áreas de mineração, como dito anteriormente, situam-se em locais de difícil acesso na qual o trabalhador fica distante da família, em barracões coletivos junto a outros trabalhadores submetidos às ordens diretas do gerente e/ou proprietário do maquinário. Podemos observar a imagem¹⁶² do local destinado à moradia dos trabalhadores nas áreas de extração mineral.

Imagen 13: O Barraco.

¹⁶¹ ESPIRIDIÃO, Francisco. *Histórias de Garimpo: Extração mineral em terras roraimenses*. Fortaleza: Tipogresso, 2011.p.48.

¹⁶² A referência das imagens encontra-se na página 09.

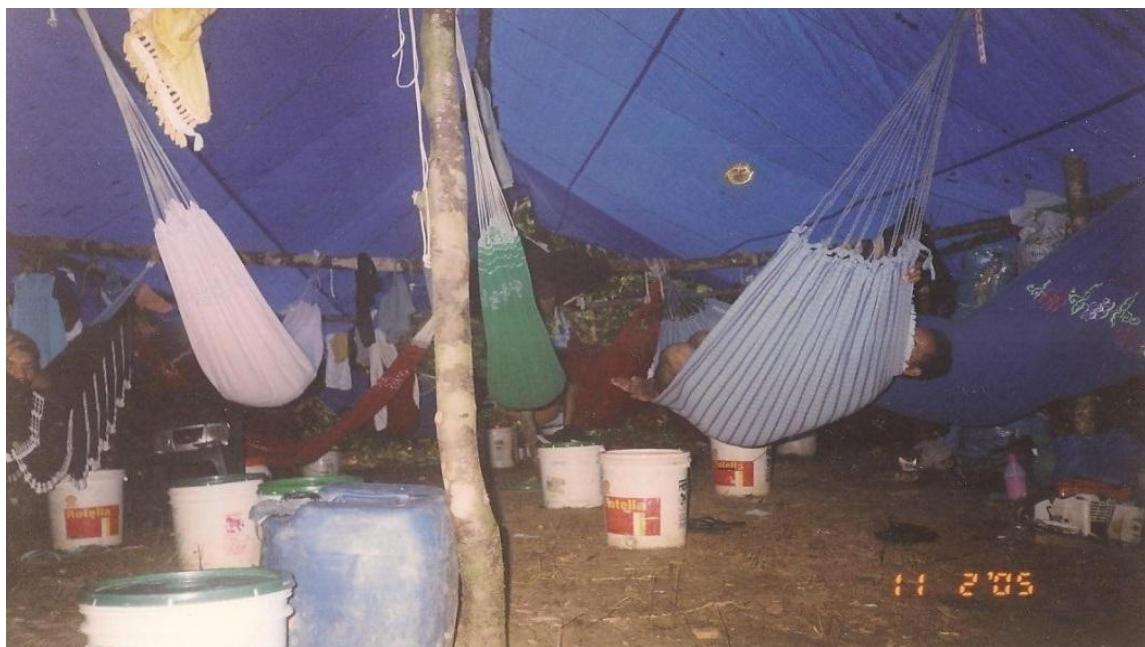
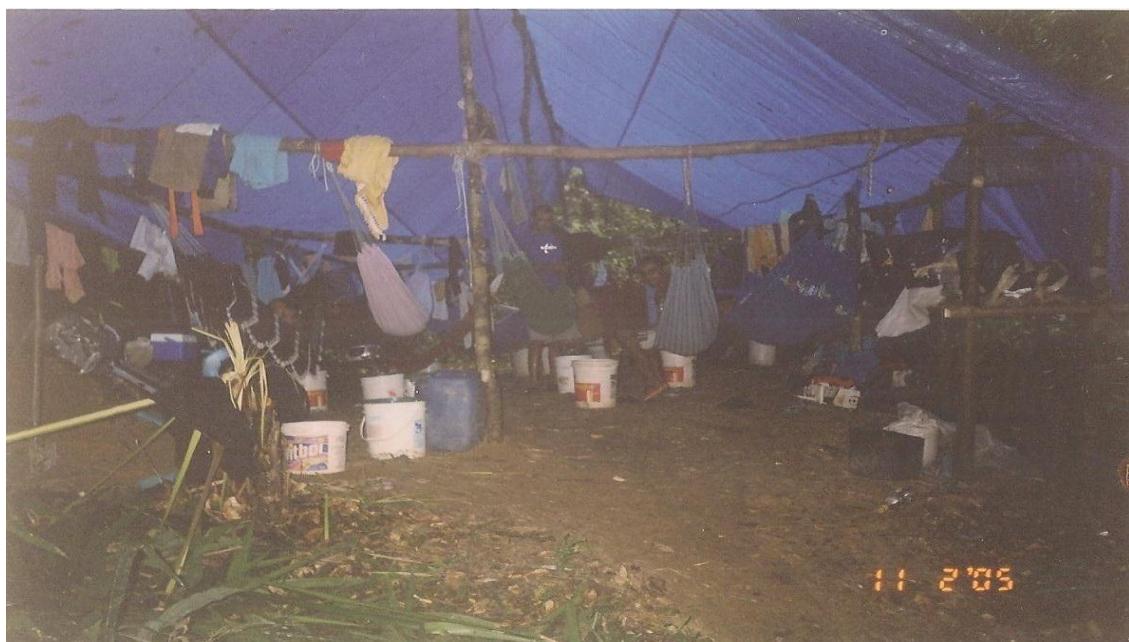


Imagen 14: O Barraco 2.



Na imagem do *barraco* verificamos que a sua estrutura é montada basicamente de madeira e lona, sob a qual as redes dos trabalhadores são armadas, locais que usam para descansar e dormir. Há uma dispersão de baldes, roupas e sacolas com objetos por todo o chão onde foi realizada uma prévia limpeza com a retirada de árvores, tocos e folhas. Ao redor do local ainda tem bastantes árvores.

Os barracos feitos com materiais bastante simples como madeira, lona, e palha correspondem a moradias provisórias, como se os moradores estivessem a ponto de se mudarem, só que não há um tempo definido para desinstalação das moradias daquele local. E os trabalhadores vivem quase que permanentemente com as precárias moradias. Alguns desses barracos tentam estabelecer divisórias que chamam de *fusção*, locais destinados às trabalhadoras. A entrevistada Patrícia¹⁶³ explica que o local onde dormem as mulheres, um ambiente fechado como se fosse um quarto, “a gente chama fusão... só que muitas vezes tinha barraco que tinha e tinha barraco que não tinha”. Quando o barraco não possuía o *fusção* Patrícia diz que se “misturava”, ou seja, atava sua rede e dormia dividindo o mesmo espaço com os homens no barracão. A nossa compreensão é de que a vida e o trabalho nas áreas de mineração são completamente adversos pela falta de estrutura e condições mínimas de higiene e segurança. Assim os trabalhadores estão expostos a uma intensidade de exploração e os riscos permeiam esta atividade.

Neste jornal¹⁶⁴ publicado na cidade de Mucajaí, que fica a 56 km da capital de Roraima, temos a seguinte matéria “Garimpeiros mortos na estrada do Eldorado”.¹⁶⁵ A matéria fala da calmaria e convivência pacífica entre índios e garimpeiros e faz algumas referências as regiões do Rio Couto de Magalhães, Rio Novo, Rosa de Maio e Apiaú. Os “gringos” eram os padres que foram proibidos de atuar na área nesse período. Traz o relato de Raimundo Nonato Freire, conhecido como Tamanduá, que fala das doenças contraídas pelos garimpeiros, malária e hepatite, da parca alimentação e das dificuldades dos locais de garimpagem, trabalhando em torno de 18h por dia. E também nas picadas ou caminhos em que se deslocam constatou a existência de corpos de garimpeiros mortos.

É importante frisar que os jornais locais em que pesquisamos, inclusive o *Tribuna de Mucajaí*, que tem como proprietário e diretor Sidney Mendes da Silva, cultivam uma oposição à atuação da igreja nas reservas indígenas. Referem-se aos padres enquanto “gringos” por alguns serem estrangeiros que, por vezes, são referência da incitação ao ataque aos garimpeiros por parte dos índios. Especialmente, porque a Igreja saiu em defesa dos indígenas e contra a mineração nas suas reservas.

Dessa forma, os conflitos entre índios e garimpeiros, na visão do jornal, são gerados pela atuação da Igreja Católica nessas regiões. No momento em que os padres foram retirados dessas áreas passou a existir estabilidade e paz. A matéria traz como dificuldade a questão das

¹⁶³ A referência da entrevista realizada com Patrícia encontra-se na página 120.

¹⁶⁴ TRIBUNA DE MUCAJAÍ. Garimpeiros mortos na entrada do Eldorado. Mucajaí: 29/11/87, Ano I, p.4.

¹⁶⁵ A data grafada na imagem da matéria do jornal em amarelo (01/02/2007) é uma desconfiguração da máquina fotográfica e não corresponde com a data da pesquisa que foi realizada no primeiro semestre de 2008.

condições de vida e trabalho na área de garimpagem com a falta de infraestrutura e de assistência aos doentes o que gera diversas mortes entre os trabalhadores dos garimpos.

Nesse sentido, podemos perceber que esta matéria defende a manutenção da mineração em áreas indígenas, pois o grande problema entre garimpeiros e índios eram os padres e, após a retirada destes, os problemas e conflitos acabaram. A matéria também terceira uma crítica à não assistência por parte do poder público aos trabalhadores dessas áreas. O que esta matéria não diz é sobre a responsabilidade dos proprietários de maquinários, os quais submetem os trabalhadores à intensidade de trabalho na extração mineral. O patrão não se responsabiliza de forma alguma por dar a assistência, muito menos em fornecer o transporte ou auxílio para chegarem à área.

É uma relação de intensa exploração sem as mínimas condições para o trabalho e de assistência à saúde dos trabalhadores. Ou seja, ao mesmo tempo em que o Estado com seu aparato não se faz presente nas áreas de mineração, também não exerce nenhum controle ou mediação nessa região, o que consequentemente intensifica a exploração dos trabalhadores e também aguça os conflitos entre indígenas e garimpeiros.

Câmara elenca algumas situações dos trabalhos nas regiões de mineração na Amazônia:

O ouro sob a forma de pó exige tecnologias mais sofisticadas de produção e logicamente exige também um investimento de recursos financeiros muito maior para a abertura de um ponto de garimpo. Desta forma, surgem os donos de garimpos, fornecedores de equipamentos e materiais de consumo, compradores de ouro, donos e pilotos de aviões, etc. aumento de atores sociais envolvidos na produção do ouro.

As relações de trabalho sem vínculo empregatício do tipo parceria ou assalariamento submetem os trabalhadores a longas jornadas de trabalho, curto descanso semanal, insuficiente reposição proteica – caloria, baixa remuneração, alta rotatividade e, como consequência, são propiciadas condições para a ocorrência de acidentes de trabalho, conflitos e violência.

As organizações congregam patrões e empregados e são obstáculos para a livre organização dos trabalhadores garimpeiros para lutar pelos seus interesses.

A legislação trabalhista ignorada e os benefícios sociais elementares não existem nas áreas de garimpos.¹⁶⁶

O autor aponta alguns elementos referentes à produção mineral que são complicadores para os trabalhadores com relação às condições de vida e trabalho na Amazônia no que se refere à organização e legislação. Para o desenvolvimento da mineração, ou da pequena mineração nesse período, entre as décadas de 70 a 90, era necessária uma

¹⁶⁶CÂMARA, Volney de M. Garimpos de ouro: principais problemas de saúde e dificuldades para o desenvolvimento de estudos epidemiológicos. In: MATHIS, A. e REHAAG, R.(Eds.). *Consequências da Garimpagem no Âmbito Social e Ambiental da Amazônia*. Belém: FASE, F. BUNSTITIFF e KATALYSE, 1993. p.42.

acumulação, ou seja, exigia-se um investimento mínimo em maquinário. A exigência do mercado não comportava o trabalho realizado apenas com as bateias pelos trabalhadores.

Além dos diversos conflitos entre garimpeiros e indígenas, os trabalhadores da mineração em Roraima estão submetidos à intensidade da produção e muitas vezes não detêm mecanismos de controle que possam minimizar a perda do valor a que teria direito na produção. Quando perguntado a Arnaldo¹⁶⁷ sobre se o trabalhador desconfiava do não pagamento devido pelo trabalho realizado, ele responde:

Se a pessoa desconfiar... tem vez que a pessoa não fala nada, a pessoa pega vai embora... larga de mão e vai caçar outra vaga (em outro lugar)... Porque de qualquer maneira ele é dono se ele roubar... A produção, toda a produção, só quem controla mesmo só é o dono... Só o dono, que ninguém... o garimpeiro não fica (verificando) ‘eu tirei tanto’ e ‘bota pra cá o meu’... ali já esqueceu e pronto e não lembra... principalmente pelo tempo, não lembra não, só se tiver anotando toda vez... tem vez que (um) deles pelo meio tem uma cadernetinha e vai anotando e têm muitos que não tem. Eu mesmo nunca gostei.

Para Arnaldo o controle da produção fica totalmente nas mãos do proprietário do maquinário e os trabalhadores, na maioria dos casos, não conseguem constituir formas de se organizarem que viabilize certo controle ou pelo menos questione as formas de controle estabelecidas pelo patrão. E, como relatado pelo entrevistado, existe uma dificuldade por parte do trabalhador em contabilizar o material produzido. E mesmo que o trabalhador consiga contabilizá-lo existe uma dificuldade em expor, pois as retaliações por parte dos patrões não se dão somente no âmbito da perda do emprego. Mas, as formas de controle são tão intensas que põem em risco a vida dos trabalhadores, por isso, quando o entrevistado fala que “a pessoa não fala nada” entendemos que dentro das circunstâncias é uma forma de aceitação diante do controle intenso por parte do patrão.

O jornal *O Roraima*¹⁶⁸ traz uma matéria referente a esse aspecto “Crime no garimpo Puxa – Faca – 1986”. A matéria traz um conflito ocorrido no Garimpo Puxa Faca, na região do Contigo. Sebastião Souza Cunha garimpeiro e comerciante baleou um empregado “Neguinho” por ele ter ido pedir um prato de comida e por estar embriagado. Apesar da tentativa de dar um caráter inusitado ao contexto exposto na matéria, o que queremos frisar aqui é a vulnerabilidade com relação a esses trabalhadores que sofrem violências e ameaças quando questionam o poder exercido pelo patrão nas relações estabelecidas dentro do

¹⁶⁷ A referência sobre a entrevista realizada com Arnaldo encontra-se na página 34.

¹⁶⁸. O RORAIMA: UM JORNAL RORAIMENSE. Crime no garimpo Puxa-Faca. Boa Vista: 23/03/1986, ano X. p.4.

processo de produção. Ou seja, o trabalhador não pode ultrapassar os limites estabelecidos dentro das relações entre patrão e empregado.

Com as mulheres a relação trabalhista é um pouco diferenciada, pois não recebem por produção, elas recebem um salário fixo mensal como cozinheira e realizam, além de cozinhar, as atividades domésticas possíveis dentro da precariedade das condições de trabalho e de moradia. Ema relata sua experiência como cozinheira no garimpo:

Para última pessoa que eu trabalhei foi um rapaz (o Patão) que trabalhei pra ele lá uns cinco meses no garimpo e daí... ele não me pagou. Ele disse que ia me pagar aqui na cidade. Quando eu cheguei na cidade e fui atrás de receber o dinheiro, o ouro. Ele foi e falou que não ia me pagar porque ele disse que ele ia me dar era quarenta gramas de ouro e por que ele disse que não estava me devendo. Ele ia me dá porque eu estava precisando, aí eu falei que não queria porque quando a gente trabalha a gente tem que receber pelo seu trabalho que eu já tinha ganhado. Ele foi e falou pra mim se eu quisesse procurar meus direitos eu podia procurar. Daí eu fui procurei meus direitos, aí eu ganhei na justiça, na justiça eu ganhei meus direitos trabalhistas, como eu trabalhava de domestica. Eu sei que na época se fosse pra... (eu) receber eu ia receber na base de uns cinco mil. Só que o homem sumiu, nunca me pagou, não tive mais notícia dele, não (sei) pra onde ele foi e ele não era daqui de Boa Vista. Aí pronto ai ficou assim.

A entrevistada Ema teve uma reação diferente com relação ao não pagamento devidos por seu trabalho, procurou a justiça e conseguiu provar que havia trabalhado nos garimpos como doméstica e ganhou a ação, mas infelizmente não conseguiu receber o valor que era devido pelo patrão.

Não queremos dizer que “não falar nada”, expresso pelo entrevistado Arnaldo, e procurar outro lugar para trabalhar, é a única forma de não se submeter a uma exploração maior por parte do patrão do que a aceita pelos trabalhadores, mas existem casos em que ocorrem reações e resistência de maneira mais conflituosa que é o furto à produção. Essas formas de resistência são vivenciadas na cotidianidade das relações dos modos de produção na qual a aceitação não é a única forma de expressão por parte dos trabalhadores.

Além de não conseguirem contabilizar a produção, o trabalhador, na maioria das vezes, desconhece a finalidade do mineral, como nos revela Arnaldo:

Ninguém não sabe a finalidade de onde vai com este ouro não, sempre ele traz para a capital, para a cidade mais próxima, aí tem vez que vende pra aqueles outros comprador de ouro mais forte, justamente esses comprador de ouro eles pegam o dinheiro do Banco do Brasil, pra comprar o ouro... Eles compram pro Banco, outros compra para... gente de fora de outros países e compra pra levar pra lá, que é o contrabando.

Apesar de compreender que existem diversas possibilidades de venda e/ou escoamento da produção do ouro, como vendê-lo para outros compradores na cidade, vender

para o Banco e até mesmo para estrangeiros, o trabalhador não acompanha o processo de escoamento da produção. Não conhecem os valores finais do mineral no mercado e não conseguem saber a finalidade do mesmo. Isso é mais um exemplo do controle, quase que total, da produção mineral por parte do patrão.

Por isso, consideramos que tanto o furto quanto a violência são na realidade válvulas de escape da falta de controle, por parte do trabalhador, da produção mineral. Pois, as violências, através das agressões diretas, muitas vezes, causando mortes no garimpo, se dão pela intensidade de exploração na produção mineral e a falta de controle da produção por parte dos trabalhadores. Assim como o inverso, as atitudes de violência direta do patrão com o trabalhador são uma forma de coação e manutenção do controle daquele sobre estes, ou seja, a manutenção do controle sobre a produção.

Uma matéria publicada no jornal Folha de Boa Vista informa sobre o assassinato de um empresário:

Um crime premeditado e executado na madrugada da última sexta-feira está alvorocando a opinião pública e pondo em estado de grande insegurança a já vasta comunidade de garimpeiros – e por cadeia os dependentes das atividades garimpeiras no Território, os comerciantes que temem o fechamento dos garimpos – depois do assassinato do empresário João Ferreira, 48 anos, proprietário de várias máquinas e empregador – juntamente com seu sócio “Alagoas” – de mais de mil homens: conhecido como empresário todo-poderoso do garimpo de Paapiú, João Bertolo foi o homem que inaugurou campo de pouso para aviões – a chamada “pista nova” que passou então a explorar cobrando em ouro pela aterrissagem e decolagem de aviões.¹⁶⁹

Esta matéria se propõe a esclarecer aspectos levantados durante a implantação do inquérito policial para averiguação do crime que levou à morte o empresário que já tinha recebido ameaças e a polícia não conseguiu identificar os assassinos. Esse homicídio pode ter sido realizado tanto por outros empresários como por trabalhadores, de acordo com a matéria.

Outra matéria do mesmo jornal traz o seguinte:

A onda de violência irrompeu no garimpo do Cruzado Novo, no último final de semana, com dois assassinatos. O garimpeiro Francisco Cunha, 21 anos, natural do Estado do Amazonas assassinou de forma sumária os também garimpeiros Osnir Namur, 37 anos e outro conhecido apenas por nome “Mineiro”. Preso quando tentava fugir para Boa Vista, Osnir confessou ter sido movido pela ganância, pois os companheiros guardavam 480 gramas de ouro “e por isso os matei para roubar”¹⁷⁰.

¹⁶⁹ FOLHA DE BOA VISTA. Garimpeiro encontrado crivado de balas na lixeira. Boa Vista: 12/02/1988.p.08.

¹⁷⁰ FOLHA DE BOA VISTA. Garimpeiro assassina dois colegas para roubar ouro no Novo Cruzado. Boa Vista: 30/03/1988.p.01.

Nessa matéria podemos verificar o furto realizado pelos trabalhadores contra os próprios trabalhadores. E em mais uma matéria desse mesmo jornal outro aspecto da violência é relatado quando um empresário acusa outro de ter assassinado seu funcionário, como queima de arquivo, por ser testemunha do furto:

Um verdadeiro mistério está envolvendo o desaparecimento do garimpeiro Jardel Simões de Alencar, que desde o dia 27 de agosto não é visto nos garimpos do Surucús e Paapiú, depois de sair do acampamento “Baixão do Cruzado Novo” com cerca de um quilo de ouro. O patrão de Jardel, Antonio Lucio Chagas, 53 anos, acusa o comerciante Antonio Alves Respaldi de ser o principal suspeito de um possível assassinato para “queima de arquivo”. Jardel era uma das testemunhas de Antonio Chagas contra Respaldi no inquérito que apura o desaparecimento de 11 quilos de ouro que, segundo Antonio Chagas, foram roubados por Respaldi quando este exerceu a gerência da área de garimpo explorada por Antonio Chagas.¹⁷¹

Como podemos perceber nessas matérias, muitos foram os casos de violência envolvendo furto, roubo e mortes nos garimpos. E entendemos que as matérias publicadas no jornal *Folha de Boa Vista*, para além de se constituírem mera informação, indicam uma relação de interesse políticos e econômicos de determinados grupos na qual estes se entrelaçam. Pois, o proprietário do jornal, Getúlio Cruz, perceptivelmente, vinha assumindo a defesa da racionalidade da produção mineral através da implantação e instalação das grandes empresas e, como forma de criticar a estrutura de funcionamento dos garimpos, começa a dar ênfase, nos títulos dos jornais, à criminalidade nos garimpos da região.

Essa tomada de posição do jornal, de publicizar os conflitos com os trabalhadores, aparece numa perspectiva bastante diluída trazendo a criminalidade como uma prática individual. Queremos suscitar nessa discussão o caráter social dos conflitos nos garimpos que ocorrem, na maioria das vezes, devido às precárias condições de trabalho, de moradia e a falta de controle do trabalhador com relação à produção mineral.

Além da violência nos locais de mineração, ainda entendemos que devido ao isolamento e a distância dos núcleos urbanos, os trabalhadores estão jogados a sorte de conseguir curar-se a partir de algumas alternativas, como a utilização de plantas para a cura de algumas doenças, muitas vezes, influenciados pela cultura dos índios. Apenas se tiver dinheiro poderá comprar uma passagem para se tratar na cidade ou se ainda contar com a solidariedade dos companheiros de trabalho.

Simone conta as dificuldades com relação à saúde e diz que,

¹⁷¹ FOLHA DE BOA VISTA. Comerciante rouba 11 kilos de ouro e manda matar testemunha. Boa Vista: 14/09/1988.p.04.

na verdade eu não consegui nada com dinheiro de garimpo porque quando eu adoecia eu gastava o dinheiro todinho, aí foi isso que eu me desiludi do garimpo. Eu fiquei muito doente... (de) malária, peguei um tal de um lexo que até hoje fica a cicatriz... (o lexo¹⁷²) vai comendo assim a carne da gente. Todo garimpeiro tem esse símbolo é o lexo... (o tratamento) é caríssimo... (na currutela) não tem (tratamento tem) que ir pra rua, tem que ir pra cidade, eu não tô te dizendo que no mato não tem nada, no mato morre, nós fazemos vaquinha pra mandar pra rua.

Simone, em sua fala, expressa as dificuldades básicas de viver em áreas de garimpagem isoladas das cidades, pois existe uma dificuldade com relação ao tratamento, por não haver assistência médica e farmacêutica para o atendimento aos doentes, e quando não há como retirar essas pessoas doentes dessas áreas muitos acabam morrendo. Alguns contam apenas com a solidariedade dos colegas de trabalho para o custeio da passagem de volta a fim de se tratarem.

São muitas as doenças que afligem os trabalhadores e moradores das regiões de mineração. Dentre as doenças mais comuns estão a leishmaniose, o tétano, a pneumonia, a tuberculose, a febre amarela, hepatite e a malária que é uma das doenças que mais castigam os garimpeiros e índios da região. O *lexo*, como os trabalhadores dos garimpos chamam a *Leishmaniose Americana*, uma espécie como a *Leishmania guyanenses*, que é mais comum na floresta, especialmente em áreas devastadas, e é a este tipo que se refere Simone. A *Leishmania* pode ser transmitida ao ser humano a partir da picada de um mosquito e apresenta uma lesão ulcerativa na pele.¹⁷³

Outra doença que é infecciosa é o tétano que é causado pela rigidez convulsiva dos músculos. Quando perguntei ao entrevistado João¹⁷⁴ sobre ter presenciado alguma morte no garimpo, ele responde:

Eu já vi, sim, gente morrer sim... os outro diziam que era malária, outros que era febre amarela, eu dizia que aquilo era tétano... tinha um prego na tauba segurando o pano adonde passa o ouro. Ele machucou ali... ficou com febre e tava preto e umas bolhas no braço, eu digo que era tétano... trabalhava comigo na máquina do Mauro, foi depressinha, levaram só o corpo dele.

¹⁷² Lexo é como é comumente chamado por garimpeiros a doença leishmaniose tegumentar americana.

¹⁷³ DICIONÁRIO ILUSTRADO. *Termos técnicos de saúde*. São Paulo: Conexão, s/d.p.233.

¹⁷⁴ Entrevista realizada no dia 28 de dezembro de 2011, na cidade de Nova Olinda-MA na residência de João. O entrevistado nasceu no Maranhão. É um pequeno agricultor que na década de 80 foi trabalhar nos garimpos em Roraima com a finalidade de conseguir recursos para investir em suas terras. Diz não ter visto os três primeiros dos quatro filhos nascerem por estar nos garimpos. Posteriormente (1991), vai com a família para os assentamentos agrícolas em Roraima e retorna em 1994, sozinho, para o seu Estado de origem. Alega não ter se adaptado. Hoje tem 60 anos, mora sozinho e sofre de vários problemas nos rins, na coluna, no pulmão e reumatismo. Assim como os outros o nome do entrevistado foi alterado.

O diagnóstico das doenças também fica bastante comprometido pela falta de profissionais na área de saúde para atenderem esses locais. Nisso os trabalhadores através de sua experiência tentam diagnosticar, medicar e providenciar a assistência da maneira que as condições permitem. No caso que João presenciou fala do insucesso em ajudar o companheiro de trabalho que acabou por vir a óbito e este acredita que foi por causa do tétano.

A malária foi responsável por dezenas de mortes nessas áreas de mineração, que são locais em que a assistência aos doentes por parte do governo não chegou. A máalaria é uma doença infecciosa, transmitida pela fêmea do mosquito *Anopheles* e uma das características principais da doença no ser humano é a febre muito alta. Os dois órgãos mais atingidos são o fígado e o baço. O tipo mais grave é o tipo *Plasmodium falciparum* e tanto este tipo quanto os outros se não forem diagnosticado e tiverem o tratamento adequado logo no início podem levar a morte, o que na realidade é muito comum nas áreas de extração mineral e reservas indígenas. E em muitos casos as pessoas que vivem e trabalham nessas áreas isoladas, por não terem assistência, acabam criando alternativas de tratamento para a doença.

José Altino, que foi presidente da USUGAL, conta em sua obra sobre a essa enfermidade:

Na ocasião enfrentava a sexta malária. Não tinha jeito de ficar bom, pelo menos por convencionais tratamentos. Os garimpeiros dão crédito seguro quando a hora de tomar os remédios para a moléstia – no caso, a cloroquina. Seria o exato momento em que os “bichinhos estão correndo nas veias”, assim dizem. E isto significa que, quando o vírus está se movimentando na corrente sanguínea, produzindo febre, é que deve ingerir a droga... com suas vivências e experiências, aqueles homens descobrem um meio de provocá-la e tomar o remédio na hora que eles desejam, acreditando na imediata cura. Deitando-se no chão, pegam uma bolsa de pano cheia de gelo e colocam em cima do baço... aquilo deve provocar alguma contração... advindo um calorão (febre).. naquele instante, toma-se o remédio, pegando-se a minúscula canalhada de surpresa, matando-os e, assim, debelando-se a malária.¹⁷⁵

José Altino além de representante da organização dos garimpeiros era proprietário de maquinário e aviões que atuavam na produção mineral. Conta uma das alternativas de combate à doença pelos garimpeiros que contraiam a doença, e tinham o remédio para o tratamento, o *cloroquina* que na versão de José Altino foi atrelado a métodos de tratamento alternativo.

Durante um longo período, e ainda hoje, a malária tem servido de argumento para culpabilizar os trabalhadores dos garimpos pela sua transmissão aos indígenas. E essas acusações são feitas tanto pelas organizações indígenas, pela igreja e como também por

¹⁷⁵ MACHADO, José Altino. *Campanha Doce, Pimenta Brava*. Governador Valadares-MG: Iacocca, 2005.p.97.

alguns órgãos públicos, dentre eles a FUNAI. Quando na realidade é a falta de assistência médica, atrelada ao processo acelerado de desmatamento e contaminação nesses locais, que ocasionam a disseminação e mortandade tanto dos índios quanto dos trabalhadores expostos ao caos gerado pelas políticas e interesses do governo brasileiro.

Em algumas edições dos jornais em que pesquisamos está presente essa discussão. No jornal *Folha de Boa Vista* encontramos a matéria *Malaria mata nas reservas indígenas*¹⁷⁶, descrevendo que em uma maloca na área Yanomami existiam 57 casos de malária devido ser região de matas e ainda com a presença de brancos. O que mais preocupava eram os conflitos entre brancos e índios por causa das fazendas localizadas nas reservas indígenas. O delegado da FUNAI Ubiratã Tupinambá da Costa diz que a malária é consequência da presença de garimpeiros vindos de Rondônia de onde trouxeram os focos da doença. As áreas mais atingidas são Serra do Suapi, do Campo Grande e do Quinô.

Eusebi, em sua obra, trata dos problemas que acometiam os Yanomami e coloca alguns pontos de reivindicação que foram publicados em um documento, em junho de 1989, pelo movimento “Ação pela Cidadania”. Dentre eles, o seguinte: “o crescente aumento do índice de mortalidade entre os Yanomami, provocado pela difusão de doenças introduzidas pelos garimpeiros.”¹⁷⁷ Facilmente podemos encontrar declarações como esta em que os trabalhadores dos garimpos são culpabilizados pela doença dos índios, quando na realidade o Governo não disponibilizou nenhum auxílio aos trabalhadores e pouquíssimo aos indígenas, muito menos o fizeram os proprietários de maquinários que investiam nesse ramo.

Não queremos negar que o aumento da concentração populacional em meio à floresta e próxima às reservas indígenas foram capazes de disseminar a doenças, mas este fator está intrinsecamente relacionado às condições climáticas e ambientais amazônicas propícias ao desenvolvimento do mosquito. Junto a isso, a falta de infraestrutura e de assistência médica e, ainda, o processo de desmatamento foram fundamentais para que se alastrasse rapidamente a doença entre índios e garimpeiros ocasionando inúmeras mortes.

Aos índios restou a solidariedade da Igreja Católica e das organizações não governamentais, as ONGs, pois o governo não tomou medidas que pudessem interferir, de maneira mais efetiva e sistemática, tanto no processo de invasão dos territórios indígenas quanto na assistência sistemática à saúde dos indígenas. Também nesse contexto o que resta aos trabalhadores que adoecem nos garimpos é contar com a solidariedade dos companheiros de trabalho. Rosa nos conta a sua experiência:

¹⁷⁶FOLHA DE BOA VISTA. Malária mata nas reservas indígenas. Boa Vista: 06/01/1984.p.01.

¹⁷⁷EUSEBI, Luigi. “A barriga morreu!”: o genocídio dos Yanomami. São Paulo: Loyola, 1991.p.28.

O que aconteceu comigo; daí ele gostou de mim, aí eu adoeci lá dentro, peguei uma malária horrível e aí fui fazer uma varação de dois dias pra chegar aqui no Uiramutã... vim varando, caminhando, dois dias de varação com ele carregando minhas boracas.¹⁷⁸

Muitos trabalhadores quando adoecem se submetem a fazer a varação que é a caminhada até a pista de pouso e decolagem, na tentativa de conseguir sair do garimpo para fazer o tratamento na cidade. No caso da entrevistada Rosa, ela conta que adoeceu de malária, caminhou dois dias e para isto foi imprescindível a ajuda que recebeu de um companheiro de trabalho. Depois criaram vínculos mais fortes e na época da entrevista ainda estavam juntos. Muitas vezes a solidariedade é a única alternativa para os trabalhadores que não têm condições, sozinhos, de se tratarem para não morrerem nos garimpos.

A malária foi responsável por muitas mortes em Roraima nas regiões de garimpagem e aldeias indígenas, especialmente pelo seu poder de rápida disseminação, falta de controle e assistência aos infectados pela doença por parte do poder público. A disseminação, como de outras doenças, é explicada por Câmara:

A alteração do equilíbrio ecológico causado pelo desmatamento e a consequente disseminação do vetor transmissor da doença, encontra a população em condições precárias de vida. A moradia do garimpeiro é geralmente um barraco, de um único cômodo, onde todos os garimpeiros dormem em redes. Suas paredes são semiabertas, cobertas apenas por palhas ou plásticos, não oferecendo proteção contra o plasmodium, transmissor da malária. Alie-se a isso o fato do lixo não ser acondicionado e sim, lançado “a céu aberto”, próximo dos locais de moradia. O mesmo ocorre com os dejetos, uma vez que geralmente não existem privadas. A água para consumo alimentar, higiene, ou para o uso no processo de trabalho, origina-se de poços e cacimbos e pode ser veículo de doenças hídricas como: Hepatite, cólera, etc. além de doenças infecciosas podem ser acrescentadas outras como a Leishmaniose, a tuberculose, a hanseníase (lepra), as diversas verminoses e, principalmente, as doenças sexualmente transmissíveis, decorrente do elevado índice de casas de prostituição.¹⁷⁹

Nesse sentido, o autor consegue, de forma bastante contundente, esclarecer as condições propícias para o desenvolvimento e disseminação das doenças que são mais comuns nas áreas de garimpagem e que, por sua vez, são acarretadas pelas precárias condições de moradia, de trabalho e vida na região amazônica. Em contrapartida a assistência aos doentes é quase inexistente. O autor fala sobre a assistência à saúde na Amazônia.

Vejamos:

¹⁷⁸ A referência da entrevista está na página 80.

¹⁷⁹ CÂMARA, Volney de M. Garimpos de ouro: principais problemas de saúde e dificuldades para o desenvolvimento de estudos epidemiológicos. In: MATHIS, A. e REHAAG, R. (Eds.) *Consequências da Garimpagem no Âmbito Social e Ambiental da Amazônia*. Belém: FASE, F. BUNSTITIFF e KATALYSE, 1993.p.40.

O pior de tudo é que a assistência à saúde nos garimpos praticamente inexiste. Nestes locais, os donos de farmácias são responsáveis pelo diagnóstico e tratamento de muitas doenças. Quando há a assistência médica é quase sempre fornecida pelo setor privado, cara, e por isso de acesso limitado para a maioria dos garimpeiros.¹⁸⁰

Nesse sentido, a assistência médica na Amazônia de um modo geral era, e ainda é, realizada de modo precário. E em Roraima a situação ainda é mais caótica à medida que as áreas são distantes dos centros urbanos, em lugares isolados em meio à floresta e não possuem farmácia e farmacêutico, no máximo são vendidos alguns remédios na *currutela*.

Além das doenças infecciosas, temos as contaminações por produtos químicos. Uma das principais formas de contaminação nas regiões de extração mineral é o mercúrio. Sobre este aspecto, Câmara nos revela que:

O fato de o ouro ser encontrado na maioria das vezes, sob a forma de pó requer metodologias mais complexas que uma simples bateia para a sua extração. Entre os riscos causados por essas metodologias destaca-se aquele causado pela formação de um amalgama de ouro e mercúrio que, quando queimado, contaminado, contamina o trabalhador através da inalação do mesmo em sua forma metálica. Este metal, por sua vez, se depositado em rios onde pode ser transformado em metil-mercúrio, torna-se, desta forma, um risco em potencial para a população não diretamente exposta, que é estimada em cerca de cinco milhões de pessoas. Outro risco de contaminação por mercúrio metálico pode ser representado também pela requeima de ouro em lojas que compram este metal.

O mercúrio é um dos maiores males da atividade de extração mineral realizada em Roraima ocasionando a poluição dos rios e igarapés onde vivem as populações indígenas. Além dos povos indígenas originários dessas regiões, os próprios trabalhadores são diretamente afetados por manipularem de forma inadequada o mercúrio. No gráfico elaborado por Câmara¹⁸¹ podemos observar a sistematização da contaminação pelo mercúrio nas suas duas formas: mercúrio metálico e metil-mercúrio.

Figura 3: Características das populações expostas, dos tipos de penetração no organismo, dos locais de lesão e das amostras para monitoramento biológico segundo exposição ao mercúrio metálico e metil-mercúrio.

Características	Mercúrio metálico	Metil-mercúrio
População exposta	-garimpeiros que queimam ouro -funcionários de lojas que comercializam ouro -populações próximas aos locais que comercializam ouro	-populações que se alimentam de peixes -populações ribeirinhas -Índios
Vias de penetração no	-respiratória	-digestiva

¹⁸⁰ Ibidem.p.41.

¹⁸¹ Ibidem.p. 45.

organismo		
Local predominante de lesões no organismo -int. aguda -int. crônica	-aparelho respiratório -sistema nervoso -rins -pele	-sistema nervoso -rins -Lesões teratogênicas
Tipo preferencial de amostra para monitoramento biológico	-urina	-cabelo

O autor demonstra no gráfico os danos mínimos ao organismo humano exposto ao mercúrio nas suas formas mercúrio metálico e metil-mercúrio. Apesar de não elencarmos de maneira sistemática, por falta de estudo complementares nas regiões de mineração, os efeitos podem variar de acordo com as condições ambientais e, como também, pelo grau de exposição das pessoas.

O entrevistado Arnaldo fala do trabalho com esse mineral:

Para juntar o ouro só o mercúrio, que é o azougue que muitos chamam. Pega o mercúrio coloca no ouro que tá igualmente a terra, todo solto e começa a juntar... depois fica tipo uma bola, aí você bota no pano, num pano fininho... bem tapadosinho, espreme, sai todo o azougue, só o ouro fica... (depois) pega o maçarico e queima todo, começa esquentar aquele ouro, ate voltar a cor dele normal... a cor dele (altera) quando bota o azougue, ele (o ouro) fica prateado... e depois que esquenta ele no fogo, no maçarico, ele volta a ficar amarelo de novo... (os equipamentos de proteção) sempre é pra ter... mas normalmente a gente não tem nada disso aí não... só por cima da moita, não tem nada e não tem isso não... É porque não tem, (o dono) não leva pra bota... é muito difícil ter algum que tenha máquina pra botar (os equipamentos) para proteger.

Arnaldo revela que, geralmente, não há nenhum tipo de equipamento de proteção para trabalhar com o mercúrio. Isso aumenta os riscos de contaminação pelo trabalhador que manipula o mineral e realiza a queima respirando a fumaça, que como vimos causa sérios danos à saúde. Também não há nenhum tipo de observação para o descarte do mercúrio que acaba nos igarapés e rios após a lavagem do ouro. Mas, infelizmente não temos conhecimento de nenhum tipo de estudo sobre a contaminação dos trabalhadores dos garimpos e das populações indígenas em Roraima que ficaram expostos a contaminação por mercúrio.

Dito isto, salientamos que os trabalhadores dos garimpos em Roraima estão submetidos à adversidade de doenças infecciosas (algumas delas elencamos acima), a contaminação e também aos acidentes provocados na atividade. Câmara ainda elenca alguns dos riscos em que esses trabalhadores estão submetidos nas áreas de mineração na Amazônia, como

Lesões traumáticas por tocos, gravetos de moinho, desmoronamento; surdez por ruídos excessivos de motosserras e bombas hidráulicas; micro-lesões articulares por vibração excessiva; lombalgia e artrose da coluna por esforço físico excessivo e postura anormal; dermatose ocupacional e câncer de pele por exposição aos solventes e as radiações não ionizantes; lesão ocular por presença de compôs estranhos; queimaduras por exposição ao fogo; intoxicações por gases ou solventes; desconforto térmico por exposição ao sol excessivo a chuvas.¹⁸² (p.40)

De acordo com Câmara os trabalhadores da atividade de mineração na Amazônia estão expostos a uma diversidade de riscos que podem acometer a sua saúde. Acrescentado a isso, existe a falta de observância de instrumentos e materiais que, relativos à segurança e higiene no trabalho, poderiam minimizar e/ou proteger desses riscos. Alguns dos jornais trazem alguns acidentes ocorridos nos barrancos nas áreas de mineração.

No jornal *Folha de Boa Vista* temos a matéria, *Barreira cai e mata nove pessoas*¹⁸³, na qual relata que uma família é soterrada com os deslizamentos dos barrancos no Médio Mucajaí devido às fortes chuvas. A matéria ainda cria um clima de alarde em que os garimpeiros receiam serem soterrados pelos barrancos nesse período chuvoso. Na realidade, nos períodos de chuvas muitos garimpos são desativados por falta de condições de continuar os trabalhos diante das dificuldades ocasionadas pelas fortes chuvas, causando alagamentos na região amazônica, mas muitos garimpos continuam ativados acarretando sérios riscos de acidentes, como soterramento de trabalhadores por barrancos que desmoronam devido, também, ao desmatamento e assoreamento por causa da atividade de mineração.

Outra matéria do mesmo jornal, *Folha de Boa Vista*, traz a seguinte notícia:

Uma tragédia envolvendo trinta garimpeiros que encontraram a morte na tarde de segunda-feira, ao serem soterrados por uma barreira, traz outra vez a tona uma antiga questão – a falta de segurança nos garimpos locais.

Domingo, na área conhecida por “buraco fundo”, na região do Paapiú onde acontece a tragédia, tinha passado o dia todo chovendo muito. Na segunda- feira, antes do sol clarear, um grupo de garimpeiro, composto de 32 pessoas, começou a tirar água de um barraco, aonde já vinham trabalhando há dias. O barranco, segundo informações do garimpeiro José Carlos Barroso, 23 anos, maranhense, que tinha passado dois dias antes do desmoronamento, media quatro metros de largura.

“A gruta era bastante perigosa por dois motivos – primeiro porque se prolonga em formato de túnel penetrando a montanha. Segundo, porque aterra, em razão da erosão provocada pela chuva, despregava com facilidade. Quando eu vi aquele tanto de homens trabalhar naquelas condições desfavoráveis, tive o pressentimento de que qualquer a qualquer instante poderia acontecer uma tragédia, como na verdade aconteceu”, conta José Carlos Barroso.¹⁸⁴

¹⁸² Ibidem.p.40.

¹⁸³ FOLHA DE BOA VISTA. Barreira cai e mata nove pessoas. Boa Vista: 30/04/1986. p.01 e 08. Mais duas matérias sobre garimpo saíram neste título e páginas: “Garimpeiro é assassinado com quatro tiros” e “Mais um homicídio no garimpo”.

¹⁸⁴ FOLHA DE BOA VISTA. Trinta garimpeiros morrem soterrados na região do Paapiú. Boa Vista: 27/04/1989.p.08.

Um dos acidentes mais comum é a queda de barreiras nos garimpos do Tipo Baixão devido à falta de escoramento dos barrancos quando escavados, que é uma medida de segurança imprescindível em escavações com as características indicadas pelo entrevistado ao jornal. Atrelado à falta de escoramentos estão as fortes chuvas que naturalmente ocasionam a queda de barrancos. E quando esses locais passam por uma brusca alteração como escavações devido a atividade de garimpagem, esses desmoronamentos se tornam mais frequentes.

Por isso, é comum, durante o período chuvoso, os garimpos Tipo Baixão e do Tipo Mergulho, terem quase totalmente suas atividades paradas, devido às fortes chuvas na região que ocasionam enchentes dos rios e igarapés e o desmoronamento dos barrancos. Os períodos das chuvas, mais fortes, ocorrem frequentemente entre os meses de maio a agosto.

Os acidentes aéreos também foram bem frequentes nesse período. O jornal Folha de Boa Vista¹⁸⁵ traz uma matéria sobre acidente aéreo ocorrido em 1985, “Avião cai no garimpo deixando cinco vítimas”. Na matéria noticia a queda do avião monomotor Piper JMG que caiu no momento da decolagem causando a morte de cinco pessoas e deixou um gravemente ferido. O jornal publica que as especulações sobre as causas do acidente revelam que a pista era pequena, acidentada e o número de passageiros era superior à capacidade da aeronave.

Dentre os acidentes, ocasionados pelo desenvolvimento da atividade de mineração em Roraima, estão os acidentes aéreos, devido ao aumento do fluxo de aeronaves, especialmente os monomotores e bimotores, e a falta de infraestrutura capaz de atender os vários poucos e decolagens das aeronaves tanto nas áreas de extração mineral quanto na cidade. Muitos acidentes acabaram ocorrendo, especialmente porque a via aérea era a mais utilizada para adentrar nas áreas de extração mineral e o governo não conseguiu estabelecer um controle das atividades aéreas.

Nesse sentido, o aumento significativo do transporte aéreo e a não fiscalização e controle com relação às atividades aéreas, ocorriam inobservâncias com relação à manutenção, habilitação dos pilotos, os locais de pouso e decolagem que não obedeciam à metragem necessária e acabaram por ocorrer acidentes que levaram à morte algumas pessoas ligadas à atividade mineral.

Além das adversidades da vida e trabalho nos garimpos, onde os trabalhadores são acometidos por doenças e também acidentes, ainda existe a instabilidade no trabalho nas áreas de mineração. Ao longo dos anos em que ocorreu o auge da mineração, entre o final dos anos de 1970 ao início dos anos 1990, houve discussões e contestações das áreas de mineração,

¹⁸⁵ AVIÃO cai no garimpo deixando cinco vítimas. *Folha de Boa Vista*. Boa Vista: 22/09/1985. p.01 e 07.

principalmente porque ocupam o mesmo espaço das reservas indígenas. E há também a tentativa de disciplinarização da produção mineral por parte do governo e alguns grupos políticos. Quanto a este aspecto o título do jornal *Tribuna de Mucajaí* traz o seguinte, “Mesmo proibidos, garimpeiros voltam às áreas de conflitos”

A matéria destaca que aproximadamente dois mil garimpeiros retornam às áreas de onde foram retirados. Um dos grupos passou por Mucajaí em direção ao rio Apiaú onde embarcam para as regiões do garimpo de Cambalacho e Novo Cruzado, na reserva Yanomami. Eram aproximadamente 80 pessoas, parte em ônibus fretado e outros na linha BV/ Apiaú da União Cascavel, foram interceptados pelo Sargento Martins, responsável por impedir a entrada de garimpeiros na região. Mas o sargento e seu parco efetivo não tiveram certeza de quem era garimpeiro ou colono.

Na mesma matéria o jornalista ainda relata que a retirada dos garimpeiros no mês anterior se deu devido ao conflito no posto indígena Paapi-ú na qual quatro indígenas morreram. Como foi proibida a decolagem no aeroporto de Boa Vista, os garimpeiros usavam pistas alternativas em Alto Alegre e Mucajaí e a comida foi sendo lançada em sacos. Os garimpeiros viajavam 150 km até o Apiaú, depois viajavam mais de dois dias e meio de barco até o garimpo do Cambalacho e depois mais 15 dias a pé até o Novo Cruzado.¹⁸⁶

Outra matéria deste jornal - *Operação de retirada de garimpeiros pode ser reiniciada a qualquer hora*¹⁸⁷ - fala da “operação Roraima” de retirada de garimpeiros das áreas de Cambalacho, Rio Novo e Novo Cruzado ocorrida no mês de agosto. Ainda traz a declaração do comandante do 2º Batalhão especial da Fronteira, Coronel Telmo Botelli, dizendo que na operação anterior 44 militares voltaram com malária. As aeronaves foram emprestadas pela aeronáutica ao exército por apenas um mês, foram apreendidas 20 toneladas de máquinas e 232 garimpeiros foram retirados.

As dificuldades na falta de infraestrutura na região não atingem somente os moradores e garimpeiros da região, mas também as operações policiais de retirada dos garimpeiros. A força policial também não contava com um aparto de assistência, especialmente médica na região. Apesar do teor sensacionalista das matérias reconhecemos que no período de ocupação das áreas para a mineração aconteceram constantes invasões e retiradas dos garimpeiros nessas áreas.

¹⁸⁶ TRIBUNA DE MUCAJAÍ. Mesmo proibidos, garimpeiros voltam às áreas de conflitos. Mucajaí: 25/10/8. Ano I. p.08.

¹⁸⁷ TRIBUNA DE MUCAJAÍ. Operação de retirada de garimpeiros pode ser reiniciada a qualquer hora. Mucajaí: 01/11/1987. Ano I. p.12.

No jornal Folha de Boa Vista temos a matéria “Holocausto: garimpeiros estão morrendo de fome na tentativa de chegar a Boa Vista”. A matéria trata das dificuldades estabelecidas nas regiões de mineração sofridas, especialmente, pelos trabalhadores submetidos às adversidades da falta de infraestrutura para a retirada dos garimpeiros da região. Não podemos negar que os trabalhadores dessas regiões sofreram inúmeras agressões, mas o teor da matéria vai para além da defesa desses trabalhadores. Tece, na realidade, a defesa dos proprietários de maquinários e dos grupos políticos com interesse na mineração, a medida que estes não atuaram a fim de possibilitar condições mínimas de instalação, assistência e infraestrutura nesses locais, na entrada e saída das áreas.

A entrevistada Simone¹⁸⁸ relata um pouco da experiência com a polícia quando trabalhava na *currutela* de um garimpo:

Eu já era cabeleireira na época como sou até agora... ele (um amigo) disse que ia ganhar dinheiro, que lá tinha muita mulher que elas faziam programa, muitas pessoas iam cozinhar... eu me deparei realmente com o mundo que ele falou, só que não bem daquele jeito. Porque lá na verdade a dificuldade é grande, a dificuldade é muito grande... Inclusive eu tive um prejuízo de 12 mil reais na época. Era tudo que eu tinha, não tinha mais nada na vida... eu tinha salão e tinha confecção também, quando eu fui eu levei muita confecção e eu perdi tudo, eu fiquei só com a roupa do corpo e uma mochilinha... Então eu fiquei sem nada mesmo, vários ficaram na mesma situação que eu... não tinha dinheiro nem pra comer, minha irmã, eu não tinha nada. Eu olhava assim, eu me deparei com uma garrafa de 51 e limões, em um barraquinho lá, que lá eles chamam de barraco, e passava a noite tomando 51 e chupando limão (risos). Porque não tinha outra coisa pra fazer, todo mundo olhando um pra cara do outro sem nada, sem comida. Eles (a polícia) queima a comida... os garimpeiros, enterram todo o rancho, eles fazem valas e colocam uma lona, coloca todo o rancho ali e coloca uma tampa, coloca folha seca, coloca várias coisas pra polícia não achar. Aí fica lá, eles colocam pouca quantidade que eles fazem as prateleiras pra vender.¹⁸⁹

A polícia chega às áreas de mineração destruindo os bens, maquinários, utensílios e toma todo o minério produzido pelos trabalhadores, o que significou para o trabalhador, muitas vezes, anos para construir e muito trabalho em meio às dificuldades nas regiões de mineração, o que já discutimos. Para Simone, a atuação dos policiais no lugar onde estava trabalhando significou a tomada de todos os seus bens.

Arnaldo fala um pouco de uma das vezes que foi abordado pela Polícia Federal e teve que sair da área de mineração:

Depois do Collor foi fechado o garimpo... foi nessa época... que eu tava... lá no Surucucu, perto do Surucucu... eu tava trabalhando... eu esqueci o nome da pista, esqueci faz muito tempo... onde eles (os policiais) pegaram nós, parece que era na pista

¹⁸⁸ A referência da entrevista está na página 103.

¹⁸⁹ A referência da entrevista está na página 40.

do Macarrão... quando a gente se entregava (pra polícia), as vezes, só fazia dizer "eu vim me entregar", "eu quero sair pra fora", "quero ir embora", ele (o policial) só fazia pegar o nome da pessoa e mandava as pessoas ir pra aquele local reservado, pra atar a rede, descansar, enquanto achava que completasse voo. Aí aqueles outros aviôezinhos pequeno era só pegando e levando pra lá pra aquela posição pra onde o búfalo (estava), era chegando direto, muitos garimpeiros chegando, (os policiais) não agrediram ninguém não, não, falava nada todo mundo tranquilo...

Ah! Na mata... muitos garimpeiros se escondem, mas não adianta se esconder não, se esconder os home (os policiais) ficam muito tempo também, não tem como, vi faltar comida, tem que se entregar mesmo... (os policiais) queimam as máquinas, destrói barraco, faz tudo, vai destruindo tudo, vai destruindo, acabando... sem solução nenhuma, mas muito deles (garimpeiros) esconde as máquina, aterra no chão, faz um buraco, aterra (risos), esconde tudo...

E quando a polícia vem vindo eles (os garimpeiros) cavam um buraco no curimã e bota o motor enrolado num plástico e aterra... curimã é aquela terra que a gente chama a área daqui, quando a gente trabalha, lá onde já foi trabalhado fica aquele monte de areia... com pedra, a gente cava, faz o buraco no chão enrola, bota o plástico, bota o motor enrola, aí cobre por cima de terra... (quando a polícia vai) a gente avisa, quem ta na cidade, ta sabendo do boato, aí liga pro rádio lá pra dentro para as pessoa... ta certo que hoje em dia ninguém faz nada escondido... tem que vazar mesmo, a polícia quando tenta fazer um trabalho assim longe e principalmente com garimpeiro sempre tem alguém da polícia, também amigo, pega (a informação) e vaza, não tem jeito pra não acontecer da pessoa saber... Aqueles barrancos sempre tem um radio, a fonia lá dento é toda hora ta em comunicação, sabe até quem vai passando, até um avião que vai passando por cima se tiver falando, direto na cidade a gente tá ouvindo, sabendo o que ele tá dizendo. Ali o radio é ligado direto, noite e dia... só é desligado o radio na hora que vão dormir, aí desliga o radio e noutro dia de manhazinha cedo, a primeira coisa que faz é ligar o radio de novo pra ficar por dento de tudo..

Se (a polícia) achar (ouro) de bobeira faz é ficar (risos)... Tem que aterrarr... tem pegar o ouro e todo tempo pegando seu ouro escondendo na mata, escavando um buraco no chão, enterra num buraco de pau... nessa época do Surucucu, foi assim que eu cheguei... não deu tempo de ganhar nada, eu perdi foi tudo, perdi o dinheiro do cigarro, de uma caixa de cigarro que eu levei e ainda perdi meu tempo de trabalho lá dento, ficou tudo, fiquei sem nada.

Esse longo recorte da entrevista do Arnaldo, que já passou por várias operações da polícia de retirada dos garimpeiros da região, conta as alternativas usadas para driblar as operações da polícia que destroem tudo e retiram o ganho dos trabalhadores. E também fala da operação no período que Collor fechou a mineração nas reservas indígenas. Observamos durante a pesquisa e análise das fontes que, apesar de todas essas adversidades, muitos trabalhadores dos garimpos continuam a investir nessa atividade.

A entrevistada Simone, baseada na sua experiência, fala um pouco das perspectivas encontradas no garimpo:

Meu ponto de vista... as pessoas que realmente precisa e que não tem oportunidade aqui e eles acabam indo pro garimpo vendo como via de escape, mas o garimpo não é bom, é sofrido, é muito cansativo. É lucrativo sim, entendeu, tem seu lado positivo, mas ele também é muito sofrido e lá existe pessoas que precisam realmente de ajuda aqui eles não tem oportunidade, não tem estudo, eu pelo menos eu acho que topei duas pessoas graduadas no garimpo, a maioria das pessoas que a gente conhece não tem estudo, não sabe falar por falta de oportunidade e acaba arrumando um jeito. Tem muita gente que acaba fazendo fortuna, mudou de vida... eles vão no sonho do *eldorado*, eles vão nesse

sonho, muitos encontram sim, eu infelizmente não consegui, mas... muitas pessoas conseguem sim, eu conheço varias que conseguiram que estão estabelecidas aqui que conseguiram com dinheiro do garimpo.

O sonho de tornar-se rico, de *bamburrar*¹⁹⁰, aliado à falta de oportunidade na cidade, nos lugares onde vivem, impulsionam essas pessoas em direção a uma atividade que traz no seu cerne enormes dificuldades. Os trabalhadores do garimpo no Estado de Roraima constroem seus modos de vida e alternativas de sobrevivência nos processos de transformações nos quais estão entrelaçados. Para muitos o sonho do enriquecimento impulsiona a vida, para outros o garimpo é visto como única alternativa. A esperança leva muitos a suportarem os obstáculos cotidianos, incluindo o risco da morte, acreditando que o sonho do *eldorado* ainda vale a pena.

¹⁹⁰ *Bamburrar* para os garimpeiros é encontrar e explorar uma quantidade grande de ouro e enriquecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os garimpos em Roraima têm um longo processo social em que a exploração mineral perpassou por vários períodos, oscilando diante do interesse pelos minerais, especialmente ouro e diamante. Mas, foi essencialmente na segunda metade da década de 1970, na década de 1980, e início de 1990, que milhares de homens e mulheres adentram a Amazônia, e Roraima, especificamente, escavando as terras em busca dos minerais.

Foi, sobretudo, com o fomento do governo para a migração, principalmente de nordestinos, para a região; e o interesse de políticos e empresários na exploração do mineral, que tornou possível tamanho empreendimento: realizar a mineração nos rincões amazônicos. Tendo as suas terras habitadas por povos indígenas, a Amazônia nunca foi um “vazio demográfico”, o desenvolvimento desta atividade se fez e se faz, então, sob um emaranhado de conflitos, protestos e interesses divergentes.

A nossa pesquisa está atravessada pelo conflito porque é assim que vemos as contradições impostas pelos garimpos em Roraima. Cada fase da pesquisa foi marcada pelo processo de intensificação desses conflitos, ora da exploração nas reservas e embates diretos entre garimpeiros e comunidades indígenas, ora pela expulsão e criminalização de garimpeiros, especialmente trabalhadores dos garimpos, pela Polícia Federal.

Ao enfatizar a presença dos trabalhadores dos garimpos, como sujeito central em nossa pesquisa, buscamos tecer os fios que ligam os movimentos sociais de luta pela terra; as transformações sociais mais amplas da Amazônia, sobretudo, a setentrional; e os grupos políticos que disputam as áreas de mineração. Isso porque entendemos que os garimpos ainda se configuram como lugar de disputa na qual os sujeitos atingidos por esta atividade defendem seus interesses.

Nessa perspectiva, tentamos congregar uma quantidade de fontes para que pudéssemos entrecruzá-las e, assim, garantirmos os questionamentos necessários a fim de visualizarmos os trabalhadores dos garimpos para além da imagem sedimentada e abstrata do garimpeiro baderneiro, violento e aventureiro. Pois, essa imagem parece servir ao propósito de encobrir a intensa exploração, as péssimas condições de trabalho a que estão submetidos, a total falta de direitos trabalhistas e de políticas públicas.

Ainda, diante da nossa escolha intencional, em colocar no centro das discussões os trabalhadores dos garimpos, enfrentamos de maneira bastante particular a relação passado e presente. Dessa forma, questionamos o significado atribuído na experiência dos trabalhadores

dos garimpos sobre processo social que vivenciam e com isso, conseguimos questionar uma gama de argumentos que se propagam sobre a mineração em Roraima.

Contudo, nos propusemos a construir uma análise historiográfica em que estava colocada o desafio de fazer outra História em que foi preciso primeiro questionar a ideia de um passado unificado, hegemônica que se propaga, e comum a todos os sujeitos. Foi necessário nos encobrir de sensibilidade na construção do texto historiográfico para que pudéssemos visualizar e considerar o presente como campo de disputa, colocando como possibilidade entrelaçar uma quantidade diversa de interesses angariada pelos sujeitos que discutem as áreas de mineração.

FONTES

1. Mídia Impressa

1.1. Jornais locais:

FOLHA DE BOA VISTA. Vários títulos dos anos: 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996 e 1997.

JORNAL BOA VISTA. Vários títulos dos anos: 1973, 1974, 1975, 1976, 1978, 1979 e 1981.

O RORAIMA: um jornal para o roraimense. Vários títulos dos anos: 1985 e 1986.

TRIBUNA DE MUCAJAI. Vários títulos dos anos: 1987 e 1988.

TRIBUNA DE RORAIMA. Vários títulos dos anos: 1986, 1987 e 1988.

1.2. Outros Jornais:

JORNAL DO CONGRESSO NACIONAL (Brasília, 21 a 27 de setembro de 1989, p.07 e 08).

A CRÍTICA (Manaus, 27/07/1989).

FOLHA DE SÃO PAULO (11/11/1991; 19/11/1991).

2. Documentos

2.1. Diários Oficiais e Atas:

Diário Oficial da Assembleia Legislativa do Estado de Roraima nº 13, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 30, 35, 37, 47, 50, 51, 52, 53, 55, 59, 61 e 62.

Atas da Assembleia Legislativa do Estado de Roraima nº 147, 150, 151, 153, 161, 165, 167, 168, 169 e 170.

2.2. Outros Documentos

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. Indicação nº 38/96 – Construção de uma casa de Apoio para Garimpeiros na Vila Mutum - Gabinete do Deputado Berinho Bantim. 19/03/1996. Lido na sessão do dia 26/03/1996.

BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Folha NA. 20 Boa Vista e parte das Folhas NA.21 Tucumanaque, NB.20 Roraima e NB.21; Geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1975.

BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Geografia do Brasil: Região Norte*. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sinopse Estatística: Roraima 1975*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

BRASIL. Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia. *Amazônia – Indicadores Conjunturais*. Belém: SUDAM/CPR, nº 06, 1º semestre, 1978.

BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Diagnóstico Brasil – a ocupação do território e o meio ambiente*. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 1990.

BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeto de zoneamento das potencialidades dos recursos naturais da Amazônia Legal. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Pronunciamentos do Deputado Avenir Rosa (PDC-RR):

-FUNAI defensora dos índios ou intervintora do Estado? Sessão de 25/03/1991.

-Em nome de Deus. Sessão de 12/03/1991.

-Requerimento para a criação de uma comissão para verificar a atuação de missões estrangeiras. Sessão de 12/03/1991.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE RORAIMA. Boletim da CPI/RR nº 4. Articulação para a sobrevivência do povo Yanomami. Novembro de 1989.

FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DO ESTADO DE RORAIMA. Economia de Mercado 2005. Elaboração: Flamis de Souza Campos. Boa Vista, FECORMÉRCIO-RR, 2005.

FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E TECNOLOGIA DE RORAIMA. *Roraima: O Brasil do Hemisfério Norte*. Diagnóstico Científico e Tecnológico para o Desenvolvimento/ pró-Roraima: Ambetec, 1993.

FOLHETO. Folha de Boa Vista 25 Anos. Folha de Boa Vista: um quarto de século a serviço da cidadania. 2011.

SENADO FEDERAL. Código de Mineração e Legislação Correlata. Brasília: subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

RORAIMA. Fundação do Meio Ambiente e Tecnologia de Roraima. *Roraima o Brasil do Hemisfério Norte: Diagnóstico Científico e Tecnológico para o desenvolvimento*. Roraima: Ambetec, 1993.

REQUERIMENTO: Ao presidente do INCRA solicitando uma área para o assentamento dos associados. Firmado pelo Presidente da Associação dos Garimpeiros Autônomos, Crisnel Francisco Ramalho. 20/11/1991.

TELEX nº 110/89, INEX. Informar sobre a elaboração do projeto de Lei para a regulamentação da mineração em áreas indígenas. 31/07/1989.

3. Revistas

ADMINISTRAÇÕES Estaduais 1981. *Perfil*. São Paulo: publicado por Visão S.A. Editorial, nº 12, 1981.p.204.

TEPUI: Dossiê das fronteiras. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade Federal de Roraima. Ano I, Ed. 01. Roraima: UFRR, COORDCOM. 2012.

4. Entrevistas:

Entrevistas realizadas no dia 26 de agosto de 2008 na Penitenciária Feminina de Monte Cristo, em Boa Vista, Roraima.

-ROSA. Trabalhou em vários garimpos na Amazônia (brasileira e estrangeira) e desempenhou atividades nos garimpos em Roraima como cozinheira, ao longo da década de 1980.

Tempo de gravação: 58 minutos

-PATRÍCIA. Trabalhou nos garimpos em Roraima como cozinheira e foi flagrada com droga ilícita quando se destinava as áreas de garimpagem.

Tempo de gravação: 18 minutos.

-EMA. Trabalhou nos garimpos no início dos anos 1990 e vivenciou a desarticulação dos garimpos no governo Collor.

Tempo de gravação: 33 minutos.

Entrevista realizada 18 de julho de 2010, na residência de Adriana Gomes Santos, a quem foi concedida a entrevista.

-ARNALDO. Começou a trabalhar com 14 anos nos garimpos, na prospecção mineral em vários tipos de garimpos, e passou pelos vários processos do desenvolvimento da atividade em Roraima onde vivenciou seu auge e declínio, migrando para realizar as atividades em outros países da Amazônia.

Tempo de gravação: 01 hora 17 minutos.

Entrevista realizada no dia 28 de dezembro de 2011, na cidade de Nova Olinda-MA na residência de João.

- JOÃO. O entrevistado nasceu no Maranhão. É um pequeno agricultor que, na década de 80, foi trabalhar nos garimpos em Roraima com a finalidade de conseguir recursos para investir em suas terras. Desde 1994 retornou para seu Estado de origem, o Maranhão.

Tempo de duração: 22 minutos

Entrevista realizada no dia 16 de janeiro de 2012 com intervalo e continuação no dia 23 de janeiro de 2012.

- SIMONE. Trabalhou como autônoma na *Currutela* prestando serviços em salão de beleza. Atendia homens e mulheres que trabalhavam nas várias atividades vinculadas à garimpagem. Atualmente desenvolve essa mesma atividade na cidade de Boa Vista.

Tempo de duração: 45 minutos

5. Documentos Iconográficos

FOTOGRAFIAS. Barco abastecendo a balsa; Trabalhadores entrando na balsa; Duas balsas na encosta do rio; Caixa usada na concentração e lavagem do material mineral; trabalhadores realizando a limpeza da área usando também a mangueira bico de jato; Utilização da mangueira bico de jato no desmonte do barranco; Estrutura onde está montado o motor e mangueiras bico de jato e sucção; Motor usado nas mangueiras bico de Jato e sucção; Caixa onde se concentra o material mineral; Estrutura de concentração e lavagem do ouro; trabalhadores lavando o mineral; O Barraco; O Barraco 2. Roraima: Acervo particular.

6. Eletrônicos

Gráfico I: valorização do ouro (1973–2008). Disponível em: <<http://www.goldprice.org/>>. Acesso em: 07/03/11.

Gráfico II: Valorização do ouro (2008-2012). Disponível em <<http://www.goldprice.org/>>. Acesso em: 27/09/12.

Imagen: Roraima: Reservas indígenas e minerais. Disponível em: <http://www.portalroraima.rr.gov.br/index.php?id=152&itemid=1&option=com_content&task=view>. Acesso em 19/09/11 às 10h.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA**, Lívia. *Representações nacionais e identidades garimpeira; carência material e pobreza simbólica*. Relatório final da pesquisa do projeto Paconamé. Rio de Janeiro: Cetem, 1991.
- _____. Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas. *Estudos históricos*. Rio Janeiro, vol. 4. 8, 1991, p. 229-243.
- BARBOSA**, Reinaldo Imbrozio et alii. (org). *Homem, ambiente e ecologia no estado de Roraima*. Manaus: INPA, 1997.
- BRASIL**, Amazonas. *Berço histórico de Boa Vista*. Prefeitura municipal de Boa Vista, 1996.
- _____. *Raposa Serra do Sol, área de conflito*. Por Amazonas Brasil. Boa Vista, 2008.
- _____. *Textos publicados na imprensa de Roraima*. Boa Vista: Grafisa Gráfica e Editora LTDA, 2010.
- BRASIL**, Marília Carvalho. Os fluxos migratórios na Região Norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisas Sociais, 1985 – (V.1)- Semestral, pp. 61-84.
- BOSI**, Antônio; VARUSA, Rinaldo (orgs). *Trabalho e trabalhadores na contemporaneidade: diálogos historiográficos*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.
- CAHETÉ**, Frederico Luiz Silva. *A extração do ouro na Amazônia e suas implicações para o meio ambiente*. Biólogo, aluno do doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido – NAEA/UFPA. Disponível em: <www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/14/13>. Acessado em: 13/09/2012.
- CÂMARA**, Volney de M; COREY, Germán. *Epidemiología e Meio Ambiente. O Caso dos Garimpos de Ouro no Brasil*. México: Centro Panamericano de Ecología Humana e Salud (ECO/OPS), Metepec, ISBN: 92 75 37059 1, 1992.
- CARVALHO**, Aildon Dornelles de. *Os caminhos que percorreram a Amazônia*. Rio de Janeiro: Imprensa Técnica do Parque de Material de Eletrônica da Aeronáutica, 2007.
- CRUZ**, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: história e imprensa*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.35, dezembro de 2007. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2221/1322> Acessado em: 01 de outubro de 2012.
- FARAGE**, Nadia. *Muralhas do Sertão: os povos indígenas no Rio Branco e a civilização*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

- FREITAS**, Aimberê. *Figuras da nossa história*. Boa Vista: DLM, vol. 1, 2, 3, 4 e 5, 2000.
- _____. *Geografia e historia de Roraima*. Manaus: Grafima, 1991.
- _____. *Políticas públicas e administrativas de Território Federais Brasileiros*. Tese de Mestrado apresentado à Escola de Administração de Empresas da fundação Getúlio Vargas de São Paulo-EAESP-FGV. Boa Vista: Ed. Boa Vista, 1991.
- ESPIRIDIÃO**, Francisco. *Histórias de Garimpo: Extração mineral em terras roraimenses*. Fortaleza: Tipogresso, 2011.
- EUSEBI**, Luigi. “*A barriga morreu!*”: o genocídio dos Yanomami. São Paulo: Loyola, 1991.
- FENELON**, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? História e perspectivas. *História e historiografia*. Curso de História da UFU, nº06, 1992.
- FIGUEIREDO**, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo Contexto, 2004.
- GUERRA**, Antonio Teixeira. *Estudo Geográfico do Território do Rio Branco*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.
- GUIMARÃES NETO**, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá: EdUFMT, 2006.
- HISTÓRIA ORAL**: Revista da Associação Brasileira de História Oral. V.9, n.1, jan-jun. 2006.
- HOLT-GIMÉNEZ**, Eric. Reestruturação territorial e fundamentação da reforma agrária: comunidades indígenas, mineração de ouro e Banco Mundial. In.: SAUER, Sergio e PEREIRA, João Márcio Mendes (orgs). *Capturando a terra*. São Paulo: Expressão Popular. 2006. pp.49-79.
- KHOURY**, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento da PUC/SP: EDUC, n. 22, 2001.
- LECEY**, Eladio. Recursos Minerais: Utilização, degradação e proteção penal do meio ambiente. In.: BENJAMIN, Antônio Herman e SÍCOLI, José Carlos Meloni (organizadores). *O Futuro do Controle da Poluição e da Implementação Ambiental*. São Paulo: IMESP, 2001. pp.99-112.
- MACAGGI**, Nenê. *A mulher do garimpo: o romance do extremo sertão norte do Amazonas*. Manaus: Gráfica da imprensa Oficial, 1976.
- MACHADO**, José Altino. *Companhia Doce, Pimenta Brava*. Governador Valadares-MG: Iacocca, 2005.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: Algumas Questões em torno da Relação Telégrafo e Imprensa – 1880/1920. In FENELOM, Déa et ali. *Muitas Memórias, Outras Histórias*, São Paulo: Olho d'água, 2004.

MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun (Org). *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MARQUES, Gilberto de Souza. *Estado e desenvolvimento da Amazônia: a inclusão amazônica na reprodução capitalista brasileira*. Tese de doutorado pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais pelo curso de pós-graduação em desenvolvimento, agricultura e sociedade. UFRRJ, 2007.

MARTA, José Manuel. Relações de produção no garimpo de Poconé – MT. in: Revista de Estudos Sociais. UFMT, Ano 3, nº 05, 2001. pp.17-32.

MARTINS, Edimilson. *Nossos Índios, Nossos Mortos: Os Olhos da “Emancipação”*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1982.

MARTINS, José de Souza Martins. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. SCHWARCZ, Lilian Moritz (org). In. *História da vida privada no Brasil*, Vol.04. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 660-726.

MARX, Karl. *Manifesto comunista*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/cap1.htm>>. Acesso em 21/07/12.

MATTOS, Marcelo Badaró. E.P. Thompson no Brasil. Outubro: Revista do Instituto de Estudos Sociais. São Paulo: Alameda. Nº 14, 2º semestre, 2006. pp.81-110.

MATTOS, Meira. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história, interfaces*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, n.2, 1996, p.73-98. Endereço: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em 27/03/2013.

MIRANDA, Alcir Gursen de (org). *Direito Amazônico (Construindo o Estado da arte)*. Boa Vista, RR: Instituto Gursen de Miranda, 2004.

_____ (org.). *Direito Agrário na Amazônia*. Boa Vista, RR: Academia Brasileira de Letras Agrárias, 2010.

MOURA, Salvador Tavares. *Serra Pelada: experiência, memórias e disputas*. Dissertação de Mestrado em História, PUC-São Paulo: 2008.

NAVARRO, Vera Lúcia e PADILHA, Valquíria (org.). Retratos do trabalho no Brasil. Uberlândia: EDUFU, 2009.

NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sergio. *Textos didáticos: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos E.P. Thompson*. Campinas: IFCH/UNICAMP, fevereiro de 1998.

NOGUEIRA, Damásio Douglas; **ROSAS**, Maria Otília de Lima. *Normandia: o Município e os Pioneiros do Baixo Rio Maú*. Boa Vista: Gráfica e editora Boa Vista. 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Integrar para não entregar: políticas e Amazônia*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Amazônia: Monopólio, expropriação e conflitos*. Campinas, SP: Papirus, 1987.

PEREIRA, João Márcio Mendes. Neoliberalismo, políticas de terra e reforma agrária de mercado da América Latina. In.: SAUER, Sergio e PEREIRA, João Márcio Mendes (orgs). *Capturando a terra*. São Paulo: Expressão Popular. 2006. pp.13-48.

PEREIRA, Osny Duarte; SÀ, Paulo Cesar Ramos de Oliveira; MARQUES, Maria Isabel. (Org). *Dois Ensaios Críticos: Política Mineral do Brasil*. Brasília: CNPQ, Assessoria Editorial e Divulgação Científica, 1987.

PINTO, José Armindo (Org.) et alii.. *Consequências da garimpagem no âmbito social e ambiental*. Belém: Buntstif/FASE/katalyze, 1993.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Revista do Departamento de História da UFF, nº2, 1996, pp, 53-72.

_____. *A bomba de Turim: a formação a memória no pós-guerra*. in.:História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral.v.9,n.1, jan- jun, 2006.

RABELO, Maria Aurora de Meireles. O materialismo histórico de Thompson e a problemática dos movimentos sociais. *História e perspectivas. História e historiografia*. Curso de História da UFU, nº06, 1992.

ROCHA, Jan. *Haximu: o massacre yanomami e as suas consequências*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2007.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. “*Garimpando” a sociedade roraimense: Uma análise da conjuntura sócio-política*. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento - UFPA. Belém, 1996.

RODRIGUES, Francilene dos Santos e PEREIRA, Mariana Cunha, organizadoras. *Estudos Transdisciplinares na Amazônia Setentrional: Fronteiras, Migração e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

SANTOS, Breno Augusto dos. *Amazônia: Potencial Mineral e Perspectivas de Desenvolvimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

SANTILLI, Paulo. *Pemongon Patá: Território Macuxi, rotas de conflito*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. *Políticas públicas, economia e poder: O Estado de Roraima entre 70 e 2000*. Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, UFPA. Belém, 2004.

SILVA, e Roberto Gama. *A quinta-coluna no setor mineral: o entreguismo dos minérios*. Porto Alegre: Tchê!. 1988.

SOUZA, Laura de Melo e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira do século XVIII*. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.p.25.

SOUZA, Carla Monteiro; RAIMUNDA, Gomes Silva (org.). *Migrantes e migração em Boa Vista: Os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Caumé*. Boa Vista: UFRR, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva (orgs). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores S.A., 1979.

VIEIRA, Jaci Guilherme. *Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra 1777-1980*. Tese de doutorado - UFPE, 2003.